
MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros



ENQUANTO ELE
NÃO VEM

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

As muitas faces do poder

Desde que Jesus pronunciou a frase “é-Me dado todo o poder no Céu e na Terra” (Mat. 28:18), Seus seguidores tentam apropriar-se de parte desse poder. Os próprios discípulos viam lutando para ver quem era o maior entre eles, ou quem deveria ocupar a mais importante posição no reino de Cristo.

Hoje, não estamos menos fascinados pelo poder. Por isso, é importante que, como pastores, compreendamos o correto uso do poder e como evitar seu abuso.

Ted Engstrom, na introdução do seu livro *The Making of a Christian Leader*, diz: “Liderança sólida, confiável, leal e forte é uma das mais desesperadas necessidades na América e no mundo hoje. Deparamo-nos com a tragédia de ver homens fracos em lugares importantes, indivíduos pequenos para realizar grandes trabalhos. ... Quando mencionamos a escassez do talento de liderança em nossa sociedade, não estamos falando da falta de pessoas para preencher cargos administrativos ou posições executivas. ... O que nos preocupa profundamente é a escassez de pessoas dispostas a assumir papéis significativos de liderança, para que o trabalho seja feito efetivamente. O líder efetivo não espera que as coisas aconteçam. Ele toma a iniciativa.” Engstrom define o líder como “alguém que guia e desenvolve as atividades, buscando prover contínuo treinamento e direção”.

Alheios a isso, não raro, alguns clérigos compreendem mal e fazem uso impróprio do poder de liderança. Usualmente, isso acontece não por más intenções, mas em virtude de insuficiente compreensão das várias fontes de poder e de seu uso responsável.

Quais são algumas das muitas faces do poder? Enumeramos algumas:

Poder da posição. É originado em virtude da posição ocupada pelo líder. Sendo eleito ou nomeado, ele recebe poder designado pela própria natureza do trabalho. Esse modelo de poder é transferido para o indivíduo que o substitui.

Poder da informação. Vem do conhecimento ou da habilidade que o líder possui. Ele é conservado, na medida em que a informação é necessária para o contínuo bem-estar do grupo.

Poder da recompensa. Reside na capacidade que o líder tem de recompensar ou punir. Frequentemente, esse tipo de poder é visto como paternalístico e manipulativo, mesmo quando o galardoador não deseja utilizá-lo injustamente.

Poder relacional. É fruto da associação com aqueles que possuem poder. Indivíduos que o desfrutam fazem parte do chamado “círculo íntimo”. Mas ele se evapora rapidamente quando alguns são transferidos de lugar ou trabalho. O poder relacional é mais estável quando envolve um bom relacionamento entre os membros da equipe.

Poder pessoal. Deriva da confiança que outros colocam na integridade moral, habilidade, reputação e realizações anteriores do líder. Mais forte que todas as outras fontes de poder, o poder pessoal não se esvai com a mudança de *status* ou circunstâncias. Pelo contrário, as mudanças realçam o poder pessoal enquanto o indivíduo responde criativa e apropriadamente aos desafios da nova situação.

Jesus Cristo é o maior exemplo de alguém que estava colocado na mais alta posição, era onisciente, desfrutava da mais íntima associação com o Pai celestial e o Espírito Santo. Todavia, a despeito de tudo isso, voluntariamente esvaziou-Se a Si mesmo dessas fontes de poder, e veio à Terra como um servo cujo ministério foi a essência do poder pessoal.

Na medida em que nos empenharmos mais no sentido de exercitar Seu poder em nosso ministério, do que nos apropriarmos dele para uso próprio, o Espírito Santo pode privilegiar-nos com a abundância da promessa de Cristo: “Mas recebereis poder...” (Atos 1:8). – James A. Cress.

MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 67 – Número 01 – Jan./Fev. 1996 – Periódico Bimestral
Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 AS MUITAS FACES DO PODER

James Cress

ENTREVISTA

4 A SECRETARIA É O TERMÔMETRO DA IGREJA

Roberto Gullón

ARTIGOS

7 À IMAGEM DE DEUS

Beatrice S. Neall

12 ENQUANTO ELE NÃO VEM

George Knight

19 UMA HISTÓRIA EM CADA HISTÓRIA

José Monteiro de Oliveira

22 MISSÃO E SALVAÇÃO

Luiz Nunes

24 SAÚDE ANTECIPADA

Abraham A. ACosta

PASTOR

26 LIDERANÇA PASTORAL

Franz Rios

AFAM

30 VAMOS FAZER O CULTO

Volney Kükl

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

Diretor Geral: Wilson Sarli; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho.

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

A secretaria é o termômetro da igreja

O Pastor Roberto Gullón Canedo nasceu em La Coruña, Espanha, onde fez estudos de primeiro e segundo graus. Mais tarde, concluiu um curso paramédico na Universidade de Santiago de Compostela, e, em 1951, uma época em que não havia seminários adventistas em seu país, devido a perseguições religiosas, mudou-se para a Argentina, com o propósito de cursar Teologia. Desde então, sua carreira ministerial foi desenvolvida na América do Sul.

Formou-se em 1956, iniciando seu trabalho em seguida como preceptor e professor de Bíblia, atividades que desempenhou durante dois anos. Posteriormente trabalhou como pastor distrital, presidente da Missão Patagônia, presidente da União Incaica, e, ultimamente, como diretor geral da Casa Editora Sudamericana em Buenos Aires, Argentina. Por ocasião da última assembléia da Associação Geral, em Utrecht, Holanda, foi eleito secretário da Divisão Sul-Americana.

É casado com Myriam Rostán, argentina de origem valdense, descendente da primeira família sul-americana que entrou em contato com a mensagem adventista, em 1886.

Da sede da DSA, concedeu a Ministério a seguinte entrevista:

MINISTÉRIO: *Como recebeu a indicação para ser o secretário da DSA?*

PASTOR GULLÓN: Com um misto de surpresa e preocupação. Já tinha estabelecido alguns planos pessoais; no entanto, a indicação recebida alterou tudo. Qualquer pessoa, ao receber uma nomeação dessa nature-



Pastor Roberto Gullón.

za, sente-se pequeno e apreensivo, temeroso. Mas as orações dos amigos e irmãos, e a ajuda do Senhor, providenciam a ajuda necessária para a nova tarefa.

MINISTÉRIO: *Qual a importância da secretaria, no contexto administrativo da Igreja e da Missão Global?*

PASTOR GULLÓN: A secretaria tem uma parte mecânica, que envolve contabilidade e registros, números e nomes. Mas atrás de tudo isso, existem pessoas, necessidades, angústias, alegrias, triunfos. No contexto administrativo, a secretaria é a assessora direta da presidência. É o setor que cuida da ortodoxia, da aplicação correta dos regulamentos operativos da Igreja, da ordem eclesiástica e da organização em todos os níveis; muito especialmente no que se refere à conquista e conservação de novos membros.

MINISTÉRIO: *Quais são, hoje, os grandes desafios desse setor?*

PASTOR GULLÓN: Há um desafio que, em minha opinião, é o maior. Refiro-me ao problema da perda de membros por apostasia. Há, também, o problema dos registros irregulares de membros nas igrejas, devido às correntes migratórias da população adventista, além da necessidade de velar constantemente para que as coisas sejam feitas sempre com decência e ordem. A secretaria deve cuidar também para que em toda a Igreja haja sempre um elevado sentido de autoridade e de responsabilidade de cada membro.

MINISTÉRIO: *Que planos o senhor tem em mente para a secretaria da DSA?*

PASTOR GULLÓN: Tão logo sejam

concluídas as reuniões de Mesa de fim de ano, e as assembléias de algumas Uniões, começaremos a desenvolver planos específicos para ajudar as igrejas e os Campos no sentido de buscar e conservar as pessoas, e a executar os deveres da secretaria com a maior eficiência possível.

MINISTÉRIO: *Como está o crescimento da DSA em tempos de Missão Global?*

PASTOR GULLÓN: Nossa Divisão tem sido abençoada por Deus, dentro do contexto da Missão Global. Estamos além das expectativas, mas, sem dúvida, muito aquém daquilo que o Senhor pode e deseja conceder, se tivermos mais fé.

MINISTÉRIO: *Houve um tempo em que se falava muito em apostasia, na DSA. Os índices ainda são preocupantes?*

PASTOR GULLÓN: Sim. Embora os índices de apostasia tenham diminuído, a situação ainda é preocupante. É um problema típico de nossa Igreja. Temos que trabalhar todos juntos para melhorar neste aspecto.

MINISTÉRIO: *A seu ver, quais as principais causas da apostasia, e que medidas práticas devem ser tomadas para minorar o problema?*

PASTOR GULLÓN: Existem várias causas. Uma delas é o muitíssimo deficiente preparo doutrinário dos candidatos ao batismo. Hoje, um adventista conhece tão pouco a nossa doutrina, que pode abandonar a igreja e unir-se a uma outra sem o menor sentimento de culpa. Outra causa é a falta de atenção personalizada ao novo converso. Os pastores quase não visitam os membros, não se antecipam a suas necessidades “biológicas” espirituais. Deixaram de ser médicos clínicos gerais para se tornarem especialistas. Evidentemente, dessa maneira, são incapazes de perceber os sintomas de desnutrição e anemia. Uma outra causa que poderia ser citada é a falta de sociabilidade entre nós, a falta de confraternização. E, finalmente, em minha opinião, parece que como Igreja estamos perdendo o perfil e o contexto profético que é a razão de nossa existência. Os adventistas atuais não conhecem as profecias, não sabem o porquê, nem como as profecias antecipam o surgimento deste Movimento. Preste bem atenção no que vou dizer: ninguém é verdadeiramente adventista do sétimo dia, enquanto não visualiza a Igreja, não no contexto de 1995, mas no de 1844, quando a História e a profecia convergiram para que

surgisse o adventismo. Tudo isso produz uma carência do sentimento de pertinência, de identidade. Aquele sentimento de que minha Igreja é a Igreja, e me pertence, e vice-versa. Sem um forte sentido de pertinência, não é possível baixar o índice de apostasia.

MINISTÉRIO: *O senhor concorda que tem havido muito sermão promocional, em detrimento de mensagens essencialmente bíblicas?*

PASTOR GULLÓN: Sim, concordo. A maioria dos pastores não prega. Somente fala. Pode ser até que fale bonito, mas se for perguntado a um ouvinte sobre o que foi falado, este não saberá responder. E o trágico, o verdadeiramente trágico, é que às vezes nem mesmo o próprio orador sabe o que falou. Urge que voltemos à pregação bíblica, à pregação temática e à pregação textual. É necessário eliminar a pregação promocional.

MINISTÉRIO: *Quais as implicações do funcionamento da secretaria de igreja, no êxito do trabalho do pastor distrital?*

PASTOR GULLÓN: O pastor distrital que deseja ter êxito, não pode prescindir da secretaria da igreja. É a secretaria que funciona como termômetro da vida da igreja. Quantos membros encontrei, ao assumir o distrito? Quantos consegui proteger para que ninguém os arrebatasse de minhas mãos? Quantos foram acrescentados à grei? Quantos assistem à Escola Sabatina? Quantos chegam apenas para o sermão? Quantas irmãs têm esposos não-adventistas? O pastor precisa estar atento a essas indagações. A secretaria bem utilizada é um centro de estatísticas que indica tendências, situações favoráveis ao estabelecimento de um programa, ou medidoras do seu êxito.

MINISTÉRIO: *O que o pastor distrital pode fazer para dinamizar essa área da Igreja?*

PASTOR GULLÓN: Somente uma coisa: ser pastor. Pastorear, visitar, amar seu rebanho, misturar-se com ele, cumprir o Salmo 23.

MINISTÉRIO: *Parece que em muitas igrejas, há mais gente fora (ainda com o nome nos livros). Noutras, parece haver um outro extremo, que é a pressa em excluir membros. Qual a sua orientação?*

PASTOR GULLÓN: Nenhuma igreja deve ter pressa em excluir nomes. Tampouco deve ter medo de fazê-lo, quando for necessário. Porém, neste processo, os passos bíblicos e do *Manual da Igreja* devem ser fielmente seguidos.

MINISTÉRIO: *A última assembléia da*

Associação Geral, votou algumas mudanças no Manual da Igreja. Fale sobre as principais delas e suas implicações na vida da igreja local.

PASTOR GULLÓN: Bem, houve algumas alterações puramente editoriais, questões de nomenclatura, e outras de critério. Duas dessas mudanças poderão ajudar a solucionar o problema da perda de membros por migração; uma tem a ver com o membro que se muda para outra localidade, e outra refere-se à admissão de membros por profissão de fé. Também será permitido às igrejas decidirem se querem nomear oficiais por um ou por dois anos. Uma outra alteração está relacionada com treinamento e capacitação dos anciãos locais. Outrossim fortaleceu-se a posição bíblica quanto ao noivado e casamento, ressaltou-se nossa posição a respeito do casamento entre adventistas e não-adventistas. Ficou definido, no capítulo relacionado ao divórcio, que o adultério e a fornicação não são as únicas causas bíblicas para o divórcio, mas também as perversões sexuais e as práticas homossexuais.

MINISTÉRIO: *Se o senhor chegasse hoje numa igreja, que critérios utilizaria para avaliar uma secretaria, classificando-a como bem organizada?*

PASTOR GULLÓN: Se uma secretaria possui uma lista de membros em dia, com seus endereços e outros dados principais, se ela “conhece” pessoalmente todos os membros e pode fornecer os dados que forem solicitados, respondendo questões que exemplifiquei anteriormente, posso dizer que a classificaria como bem organizada. É impossível um pastor trabalhar eficientemente sem o auxílio da secretaria e da tesouraria da igreja.

MINISTÉRIO: *O que o senhor espera dos pastores da Divisão Sul-Americana, notadamente do Brasil?*

PASTOR GULLÓN: Que amem seu rebanho. Que chorem e orem com ele e por ele. Que sejam pastores no sentido mais profundo da palavra. Que sejam pastores que entrem pela porta, em lugar de saltar por cima do muro. E que se valham do auxílio que pode proporcionar uma eficiente secretaria de igreja.

MINISTÉRIO: *Como o senhor avalia o comportamento da Igreja Adventista atualmente frente a um mundo cambiante, no limiar de um novo século?*

PASTOR GULLÓN: Às vezes penso que temos uma tendência masoquista, de autodepreciar-nos. Aquele pensamento de que lá

fora as coisas são feitas com mais eficiência. Eu penso que, dentro das circunstâncias mundiais, a Igreja tem uma capacidade fantástica de adaptação, e continuará cumprindo o propósito de Deus, ao nos aproximarmos do fim do século. Depois de tudo, as profecias bíblicas apontam o triunfo da Igreja: Ela “saiu vencendo e para vencer”, diz o Apocalipse.

MINISTÉRIO: *Quais, em sua opinião, os maiores problemas que enfrentamos como Igreja, hoje, e como superá-los?*

PASTOR GULLÓN: O maior desafio, sem dúvida, é a luta para não nos deixarmos vencer pelas forças internas de subversão, que tentam destruir a unidade e a universalidade de nosso Movimento. Algumas dessas forças são especulativas, teológicas. Outras são de ordem administrativa, estrutural. Temos que continuar sendo nós mesmos, com profundo sentido de nossa identidade e de nossa missão.

MINISTÉRIO: *Colocando-se no lugar de um membro leigo, como gostaria que fosse o seu pastor?*

PASTOR GULLÓN: Eu também fui membro leigo. Gostaria que meu pastor tivesse a capacidade de amar, a capacidade de olhar-me nos olhos e ver meu interior, para ajudar-me, para adiantar-se às minhas inquietações e necessidades espirituais.

MINISTÉRIO: *Em algumas regiões, o alvo de batismo parece ser o critério de maior peso na avaliação do sucesso de um pastor. O senhor concorda com essa visão?*

PASTOR GULLÓN: É impossível avaliar o sucesso de um pastor somente por um item, seja ele alvo de batismo ou qualquer outro. É o conjunto da vida e obra do pastor que permite uma avaliação justa. Assim como é impossível para um professor avaliar um aluno apenas pelas respostas dadas numa prova, também é impossível avaliar um pastor apenas com base no alvo de batismos. Para o professor, o que conta mais alto é a nota do “conceito” que surge em sua relação com o dito aluno. Para avaliar um pastor, o que mais conta é a nota do “conceito”, atribuída pelos membros e líderes.

MINISTÉRIO: *Que mensagem especial gostaria de dar aos pastores e anciãos do Brasil?*

PASTOR GULLÓN: Que tudo o que lhes venha à mão para fazer, façam-no conforme suas forças. Que não descuidem da devoção pessoal, o estudo pessoal e a oração. E que amem o povo sob seus cuidados.

À imagem de Deus

BEATRICE S. NEALL

Ph.D., ex-professora universitária, escritora,
reside em Lincoln, Nebraska, EUA.

Alguém observou que a batalha dos sexos nunca pode ser ganha porque há muita confraternização com o inimigo. Um relacionamento de amor e ódio marca o papel dos gêneros em muitas sociedades do mundo moderno. As mulheres protestam contra o assédio, a violência e o abuso masculinos. Os homens respondem com introversão, quer no ambiente de trabalho ou no campo de esportes.

Em muitas sociedades, uma incerteza parece manter homens e mulheres presos aos seus papéis. Por outro lado, as mulheres, tendo ganho seu espaço no local de trabalho, depois de séculos de exclusão, sentem-se esgotadas pela pressão de tentarem ser a “supermulher”, provedora familiar, mãe, dona de casa e ativista. Além disto, uma mudança no papel masculino forçou os homens a se redefinirem. A década de 70 testemunhou os homens tentando desenvolver o lado feminino deles – o “macho suave” –, para fazer frente às mulheres que emergiam. Mas as mulheres, enquanto exigindo e saboreando a igualdade de direitos, ainda desejam os homens masculinos, para “usarem as calças na família”, e que sejam os provedores primários.¹ Enquanto isso os homens estão procurando recuperar a masculinidade, mesmo enquanto eles tratam das feridas abertas pelo movimento feminista.² Em meio aos conflitos macho-fêmea, uma atitude de saudosismo pelos românticos “velhos tempos” ainda ocorre: “Nós costumávamos nos apaixonar, lembra-se?”³

Contudo, não deveria surpreender-nos que tentar definir os papéis masculinos e femininos e seus relacionamentos no ambiente atual, é quase como andar por um terreno minado. Correndo o perigo de perder um braço ou uma perna, desejo partilhar o que tenho descoberto do paradigma bíblico “à imagem de Deus”. Parece-me que em tal paradigma podemos ver os papéis complemen-

tários do homem e da mulher. Parece também possível que pela observação de como os membros da Trindade Se relacionam um com o outro, podemos entender melhor o relacionamento entre o homem e a mulher. Uma vez que meu estudo leva-me a abraçar tanto o feminismo como os valores tradicionais, espero, como o indeciso soldado que na guerra civil usou calça azul e blusão cinza, receber tiros dos dois lados. Entretanto, proponho-me correr o risco, na esperança de contribuir com alguma perspectiva nova.

Adão dividido

Começamos com Gênesis 1:27: “Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” O termo hebraico traduzido como homem é *adam*. A passagem, rica de significado, indica que Deus dividiu *adam* em dois seres, que juntos deveriam refletir Sua semelhança. O próprio Deus não é solitário, mas uma família amorosa. Deus (hebraico *Elohim*, plural) diz: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...” (Gên. 1:26). Essa é a conversação dentro da divindade: três pessoas consultando, criando, e trabalhando juntas em harmonia. Deus em relacionamento criou o humano em relacionamento. Esse relacionamento entre macho e fêmea constitui uma parte da imagem de Deus.

Na criação, macho e fêmea formaram uma unidade que, de certa forma, reflete a imagem divina.⁴ Nos dois níveis, divino e humano, unidade é um tipo de relacionamento no qual diferentes pessoas completam-se uma à outra.

Evidentemente, Deus não pode ser considerado em termos de gênero, mas Ele partilhou com macho e fêmea atributos particulares a Si próprio. Em Sua atividade criativa,

quando Ele dividiu *adam* em macho e fêmea, partilhou com eles algo de Suas próprias qualidades especiais. Ao homem, deu Seu poder e força. À mulher, Ele deu Seus atributos de cuidado e concepção da vida, que são parte de Sua natureza.

Garotos pequenos, ao brincar de carro, e garotos maiores, ao escurregar pelas encostas de colinas, ou ao correr pelas ruas da cidade simulando sirenes, lembram-nos que os meninos gostam de velocidade, barulho, movimento e risco. Contudo, eles apenas palidamente refletem a “masculinidade” de Deus, que criou estrelas tão grandes como o sistema solar e então as encolheu dentro de imensos buracos negros, capazes de sugar tudo o que encontram em seu caminho. Deus é fantástico em Sua “masculinidade”.

Garotas pequenas, ao acalantar bonecas, e garotas maiores, ao pacificar desentendimentos e ao beijar feridos, também refletem a imagem de Deus. A Bíblia compara Deus a uma mulher sofrendo em dores de parto (Deut. 32:18; João 16:21 e 22) e exprimindo a sua vaidade de uma mãe ao amamentar o seu filho (Isaías 49:15; Oséias 11:1-4).⁵ Deus é alentador, pleno em gentileza e desvelo em Sua “feminilidade”.

Deus descreveu toda a Sua criação como boa, mas quando Ele viu o homem disse: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” (Gên. 2:18). O homem estava incompleto até que Deus lhe fez “uma auxiliadora que seja idônea”. Criou a mulher como uma ajudadora do homem. O fato de ser auxiliadora não implica inferioridade. Este é um termo de honra no Antigo Testamento, aplicado ao próprio Deus (Salmo 54:4).

“Auxiliadora” indica que o homem e a mulher deveriam trabalhar juntos nas atividades da vida. A sociedade é empobrecida quando um único sexo funciona sozinho, pois tal singularidade reflete apenas uma



parte da personalidade, em sua plena capacidade.⁶ O propósito criativo de Deus ao dividir Adão era que homem e mulher crescessem juntos em direção à unidade, um atributo do próprio Deus. O Senhor atribui grande valor à harmonia, interdependência e união.⁷

Complexidade

A História e a tradição, em geral, têm atribuído diferentes papéis aos homens e às mulheres. Os meninos são treinados como os protetores e provedores, encorajando-se a predisposição biológica masculina de domínio e agressividade. As meninas são treinadas para assumirem o papel de cuidado doméstico, em harmonia com seu papel de concepção. O marido era para ser a cabeça; a esposa, o coração.⁸ Mas o propósito criativo de Deus não é tão simples. Nem simples é a própria natureza humana.

Paralelamente às características dominantes de cada sexo, há também a “sombra do

eu”, que contém elementos do sexo oposto. A evidência fisiológica dessa afirmação é que cada sexo segrega pequenas quantidades de hormônios do sexo oposto. Assim, as mulheres são capazes de agressividade, coragem e liderança, e os homens possuem delicadeza e sensibilidade ao belo. A “sombra do eu” tem várias funções. Ela provê no campo comum aos sexos masculino e feminino, áreas de superposição um sobre o outro. Enquanto opostos totais dispõem de maior contribuição a dar no relacionamento de uns com os outros, eles também possuem as maiores dificuldades de relacionamento por causa de suas diferenças. A “sombra do eu” fornece áreas de similaridades onde eles podem se encontrar.

Em adição à “sombra do eu” do sexo oposto, os seres humanos têm funções dominantes e auxiliares através das quais eles percebem a realidade e fazem julgamentos. Algumas dessas funções são relacionadas com o gênero. Por exemplo, a maioria dos homens tende a tomar decisões baseadas na lógica e objetividade, enquanto a maioria das mulheres tende a tomar decisões baseadas em sentimentos, intuição e as possíveis consequências de suas escolhas sobre outros.⁹ Quaisquer que

sejam as nossas funções dominantes e auxiliares, sentimentos mais confortáveis com as dominantes. Ser forçado a depender das funções auxiliares é algo que produz tensão. Assim,

se homens e mulheres assumem papéis que não são naturais a eles, o resultado será sentimento de pressão e angústia. Por essa razão, muitas pessoas experimentam alívio ao retornarem aos papéis tradicionais. O desconforto pode também resultar de pressões negativas por famílias e amigos, quando homens e mulheres agem em formas não tradicionais.

Embora homens e mulheres devam primeiro cumprir as tarefas que pertençam ao seu próprio gênero, a complexidade de suas naturezas indica que eles não devem estar presos por estereótipos de caráter genético. Há mulheres que se tornam extraordinárias líderes religiosas, empresariais e governamentais. Homens se têm demonstrado excelência em expressões emocionais, como a

música e a poesia, e como conselheiros empáticos. A criatividade e o potencial humano, derivados da imagem de Deus, são ilimitados e imprevisíveis. Os dons não deveriam ser suprimidos, mas considerados e encorajados. O próprio Deus é completo; assim também o é a humanidade, uma vez que somos feitos a Sua imagem.

A ação do pecado

O impacto atômico do pecado separou Adão, e essa separação teve consequências inevitáveis na união macho-fêmea. O pecado alterou profundamente o relacionamento entre o homem e a mulher. O egoísmo absorveu o amor; a suspeita colocou de lado a confiança e a competitividade tomou o lugar da complementaridade. Deus predisse uma mudança no relacionamento entre homens e mulheres. “Multiplicarei sobre o teu sofrimento a tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo será para o teu marido e ele te governará.” (Gên. 3:16). Com a entrada do pecado veio o abuso do amor – a manipulação feminina para alcançar o que deseja do homem, e o uso da força masculina para dominar a mulher. Individual-

mente, separação e egoísmo substituíram a complementaridade. O dueto harmonioso tornou-se em gritos dissonantes.

Junto com o pecado, veio uma série de abusos: dominação, repressão, secessão da

mulher, manipulação, sedução, amor livre, ocultamento das formas femininas, ou exposição e exploração delas, adultério, pornografia, violência sexual, para mencionar uns poucos.

A sexualidade, como um dom de Deus, foi intencionada para ser um bem. Ela está difusa por toda a personalidade humana, com cada célula do organismo sendo geneticamente masculina ou feminina. Deus concedeu o dom da expressão sexual com dois propósitos: procriador – “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a” (Gên. 1:28) –, e unificador – “Por isso deixa o homem pai e mãe, e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gên. 2:24).

O propósito unificador deve ser o dominante, porque é apenas dentro da unidade do amor matrimonial que as crianças po-

O pecado alterou profundamente o relacionamento entre o homem e a mulher.

dem desenvolver e florescer. Deus designou a união sexual com o propósito de completar a harmonia mental e espiritual que o casal percebe um no outro, produzindo o maior dos êxtases que os humanos podem experimentar.

A perversão humana busca o êxtase sexual sem unidade, compromisso e amor duradouro. Qualquer coisa aquém do compromisso, torna os seres humanos descartáveis. As pessoas são usadas por um tempo limitado e, então, descartadas. Essa é a razão porque forçar o sexo contra a vontade de alguém causa

tão intensa humilhação, violação, rejeição e perda da auto-estima. Pela mesma razão, o sexo fora do casamento pode ser devastador para o psiquismo humano. Uma das maiores ironias da nossa vida contemporânea, é que nossa sociedade, mesmo enquanto protesta contra o abuso sexual, busca o excitação sexual fora do casamento.

Relacionamento correto

Uma vez entendido que o pecado desviou os papéis masculinos e femininos da unidade da imagem divina, guiando-os na direção do divisionismo diabólico, a questão da restauração da igualdade dos gêneros e papéis torna-se uma questão de retorno ao foco bíblico original. Creio que ambos os sexos podem chegar a esse foco se examinarem o relacionamento dentro da divindade, a qual eles originalmente deveriam refletir. O processo pode ser tanto surpreendente como inspirador. Aqui estão algumas das posições bíblicas que fornecem compreensão para o relacionamento macho-fêmea:

1. A afirmação paulina de ser "o homem o cabeça da mulher" (I Cor. 11:3), não é muito popular hoje. As mulheres se ressentem com a idéia da liderança masculina. Frequentemente, a palavra tem sido usada erroneamente e mal-interpretada, levando ao abuso das mulheres, à violência física e sexual, diminuição do valor e dignidade pessoais e a restrições que

impedem as mulheres de exercerem seus dons. Mas, lamentavelmente, alguns esquecem de que o mesmo texto afirma que "Cristo é o cabeça de todo homem" e "Deus o cabeça de Cristo".

O contexto das três afirmações nas quais a noção de liderança é mencionada não permite o domínio de um sobre o outro, que resulte em violência, abuso ou negação do valor e dignidade

própria. Os pontos seguintes ilustram a verdadeira natureza desta liderança, ou governo.

2. Embora Paulo fale de Deus como sendo o cabeça de Cristo, o claro

ensino bíblico é que o Pai e o Filho são iguais em todos os aspectos. Semelhantemente, quando a questão se refere a humanos, Adão e Eva deveriam exercer igualmente o domínio sobre a ordem criada (Gên. 1:28).

3. Pai e Filho consultaram-Se mutuamente quanto aos alvos e estratégias da criação e da redenção. Há uma completa abertura em todos os negócios da divindade: "Porque o Pai ama o Filho e Lhe mostra tudo o que faz" (João 5:20). Eles partilham todos os Seus planos um com o outro. Liderança, de nenhuma forma, indica superioridade ou inferioridade de um em relação ao outro.

4. Os membros da divindade agem em harmonia um com o outro: "Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de Si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz." (João 5:19). Afirmações semelhantes a essa, de que Cristo não fez nada em sua própria autoridade, não indicam posição subordinada, mas sugerem que Ele trabalhou em união com Seu Pai. Este, da mesma forma, agiu em harmonia com o Filho: "E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento." (João 5:22)

Num casamento ideal não existem decisões unilaterais. As decisões são tomadas quando o consenso é alcançado.

5. Os membros da divindade Se realizam em fazer um a vontade do outro. Jesus ex-

Os seres humanos rotineiramente buscam satisfação através de suas necessidades pessoais. Cristo demonstrou o gozo que surge da realização dos desejos de outro.

traiu grande satisfação ao fazer a vontade do Seu Pai e cumprir Sua missão de resgate (João 4:34; 17:4). Nós, seres humanos, rotineiramente buscamos satisfação através de nossas necessidades pessoais. Cristo demonstrou o gozo que vem da realização dos desejos de outro.

6. Cada um afirma o outro. Os membros da Trindade continuamente glorificam um ao outro (João 8:54; 13:31; 16:14). Maridos e mulheres necessitam aprender a arte de expressar apreciação. Um bom casamento é uma sociedade de admiração mútua.

7. A Trindade é um sistema modelo de apoio. Os membros atribuem poder um ao outro no cumprimento dos alvos partilhados. Em Sua natureza humana, Cristo foi fortalecido pelo Pai e pelo Espírito Santo para cumprir Sua missão (João 1:32; 14:10). Nossos sentimentos de inadequação deveriam ser aliviados se, como homens e mulheres, afirmássemos e fortalecêssemos uns aos outros.

Nenhum sexo deveria buscar dominar o outro. A tendência do sexo masculino de coagir, e do sexo feminino de manipular, ilustra a perversão da pressuposição humana de que o poder está em escassez e deve-se lutar por ele. Na Trindade, nós vemos o princípio oposto: o poder é abundante e é livremente partilhado.¹⁰

8. Os papéis de liderança são intercambiáveis. O Pai põe todas as coisas nas mãos de Jesus (João 8:35) dando-Lhe o governo sobre este mundo até que a batalha seja ganha. Então, Ele voltará (I Cor. 15:24-28). De igual forma, em um bom casamento, a liderança é intercambiável, cada um liderando em suas áreas de especialidade.

9. Na divindade, existe unidade. Uma proximidade tal que o sofrimento da separação é simplesmente insuportável (Mat. 27:46). Certa vez Jesus disse: "Eu e o Pai somos um." (João 10:30). Na divindade não existe apenas união, mas também intimidade: "Eu estou no Pai e... o Pai está em Mim" (João 14:10). Estão unidos pela força do amor. Os seres humanos são convidados a experimentar união íntima com a divindade: "a fim de que todos sejam um; e como és Tu, o Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em Nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste." (João 17:21).

Através da união com Deus, esposo e es-

posa podem alcançar sublimes alturas e profundidades do amor em seu relacionamento mútuo. Deus lhes deu uma forma exclusiva de expressar intimidade através do abraço sexual. O casal que seja um com Deus e um no relacionamento mútuo, experimenta um nível de êxtase desconhecido não disponível ao sexo casual. Além disso, as fibras do amor que os une constrói um ninho invulnerável para os jovens. Onde os pais genuinamente se amam, os filhos desenvolvem personalidades seguras.

Alguns argumentam que o relacionamento da divindade não é modelo adequado para os humanos por causa de nossa condição caída. Afirmam que modelos autoritários são mais apropriados para pecadores. Mas a meta para os cristãos é alcançar "estatura da plenitude de Cristo" (Efés. 4:13). Embora fiquemos aquém do ideal divino, devemos sempre manter tal alvo diante de nós e lutar para alcançá-lo. O criador nos dotou de dons extraordinários e o propósito dos gêneros era que um completasse o outro. Nós nos realizamos quando desenvolvemos estes dons e exploramos o relacionamento para o qual fomos criados. Não há limite para o potencial humano, na medida em que este se desenvolve dentro da imagem divina.

Referências:

1. Willard F. Harley, *His Needs, Her Needs: Building on Affair-proof Marriage*, Grand Rapids, MI, 1986, págs. 116 a 117.
2. Robert Bly, *Iron John: A Book About Men*, Nova Iorque, Bintage Books, 1992, págs. 2 e 63.
3. Lance Morrow, "Men: are they really that bad?", *Time*, 14/02/1994, pág. 57.
4. V. Norskov Olsen, *The New Relatedness for Man and Woman in Christ: A Mirror of the Divine*, Loma Linda, 1993, pág. 49.
5. Virgínia R. Mollenkott, *The Divine Feminine: The Biblical Imagery of God as Female*, Nova Iorque, Crossroad, 1987.
6. Donald M. Joy, *Bonding: Relationships in the Image of God*, Waco Texas, Word Books, 1981, pág. 51.
7. W. Peter Blitchington, *Sex Roles and the Christian Family*, Wheaton, Ill: Tindale House, 1981, pág. 51.
8. *Idem*, págs. 54 e 71.
9. Os tipos psicológicos de Myers-Briggs descrevem os processos mentais dominantes e auxiliares de uma pessoa e como eles se relacionam com o gênero. Ver Gordon Lawrence, *People Types and Tiger Stripes: A Practical Guide to Learning*, Gainesville, Florida; 1979, págs. 17 e 20.
10. S. Scott Bartchy, "Issues of Power and a Theology of the Family" (*Consultation on a Theology of the Family*, Fuller Theological Seminary, 1984. Ver também Rollo May, *Love and Will*, Nova Iorque; Norton, 1969).

Enquanto Ele não vem

GEORGE KNIGHT

Professor de História da Igreja na Andrews University, Berrien Springs, Michigan, EUA.

“Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Vem, Senhor Jesus.” (Apoc. 22:20).

A Igreja primitiva esperava ver o retorno de Jesus Cristo num tempo relativamente breve. Entretanto, passados quase dois mil anos, Ele ainda não veio.

O que a Bíblia quer dizer ao usar a expressão “cedo”, quando aplicada à volta de Cristo, eu realmente não sei. Mas, aparentemente não é a mesma coisa que eu tenho em mente.

De fato, brevidade de tempo não foi o único aspecto cronológico dos ensinamentos de Cristo a respeito do fim do mundo. Um outro fator era justamente a demora. Repetidamente, nas parábolas sobre os últimos dias, relatadas em Mateus 24 e 25, Ele menciona o fato de que Sua vinda poderia tardar (Mat. 24:48; 25:5 e 19).

Jesus parecia estar bem ciente das tensões que Seus seguidores enfrentariam no espaço entre Sua ascensão e a segunda vinda. A ênfase principal do Sermão da Montanha é que eles deveriam viver esse período num clima de expectativa e fidelidade. Assim, muitas parábolas em Mateus 24 e 25 incentivam os cristãos, não apenas a um estado de vigilância, mas também de diligência e fidelidade. Numa parábola registrada em Lucas 19, Cristo ordenou a Seus discípulos: “Negociai até que Eu volte.” (v. 13).

A ordem é bastante clara; mas, de que maneira pode ser implementada? Essa questão, entre outras, seria enfretada por todos quantos levam a sério a Segunda Vinda de Jesus Cristo. Os primeiros adventistas no período pós-1844 depararam-se com ela. O mesmo acontece com os adventistas modernos.

As primeiras tensões

O adventismo pós-desapontamento foi mergulhado numa crise de identidade nos últimos dois meses de 1844 e no início de 1845.¹ Dois tipos de abordagem do problema

de ocupação do tempo, antes do Segundo Advento, vieram à tona. O primeiro acentuava a vinda imediata, enquanto o segundo enfatizava a continuidade normal do trabalho, durante o tempo de espera, descartando entretanto a expectativa de uma longa demora.

Aqueles que enfatizavam o imediatismo continuavam a sustentar a necessidade de algum tipo de pregação, e muitos deles continuavam trabalhando para manter suas famílias. Por outro lado, opunham-se a qualquer arranjo institucional ou contratual, alegando que tais coisas implicavam demora e, dessa forma, tornavam-se indicadores de falta de fé na Segunda Vinda. Ainda entre os que sustentavam a posição imediatista, houve os que sucumbiram à tentação de continuar estabelecendo novas datas para a volta de Cristo. Guilherme Miller e Josias Litch, por exemplo, esperaram que o advento tivesse lugar na primavera de 1845.²

Os primeiros adventistas sabatistas não foram imunes à tentação de estabelecer datas. Entre eles encontrava-se o influente José Bates. Em 1850, ele criou um excitamento ao interpretar “as sete marcas de sangue ... antes do assento de graça” como representando “a duração dos procedimentos judiciais no lugar santíssimo do Santuário, relacionados com os santos vivos”. Dizendo que cada marca representava um ano, Bates argumentava que o ministério celestial de Cristo duraria sete anos. Assim, Ele voltaria em outubro de 1851.³

Dois outros pioneiros se opuseram a Bates. Na *Review and Herald*, de 21/07/1851, apareceu uma carta de Ellen White sobre o assunto. “O Senhor me tem mostrado”, ela escreveu, “que a mensagem do terceiro anjo deve ir, e ser proclamada aos dispersos filhos do Senhor, mas não deve estar na dependência do tempo; pois tempo jamais será um teste outra vez. Vi que alguns estavam conseguindo um falso excitamento, despertado por pregarem tempo; mas a mensagem do terceiro anjo é mais forte do que o tempo



possa ser. Vi que esta mensagem pode sustentar o seu próprio fundamento e não necessita de tempo para fortalecê-la; e que ela irá em grande poder e fará a sua obra, e será abreviada em justiça.”⁴

Esta não foi a primeira vez que Ellen White levantou-se contra o estabelecimento de data para a volta de Jesus. Anteriormente, ela afirmou que “o tempo de angústia deve ser antes da vinda de Cristo”. Mesmo sua primeira visão insinuava que “a cidade estava muito longe”. Sua recompensa por ter assumido tal posição foi que alguns julgaram-na semelhante ao servo infiel da parábola, que dizia em seu coração: “Meu Senhor tarde virá”.⁵

Tomada como um todo, a mensagem de Ellen White contra o estabelecimento de data é uma poderosa declaração de que ela estava entre aqueles crentes adventistas que focalizavam sobre ocupação, em lugar de imediatismo. Deve também ser notado que sua ênfase na pregação da mensagem do terceiro anjo implica um processo, ao contrário de um ponto de tempo. Tiago White estava de pleno acordo com ela, na questão do estabelecimento de datas, e também quanto a necessidade de reunir o povo de Deus que deveria estar colocado sobre a plataforma do terceiro anjo de apocalipse 14.

Mas Tiago nem sempre lutou contra o estabelecimento de novas datas. Em setembro de 1845, ele acreditava firmemente que Je-

sus voltaria em outubro daquele ano. Nessa época, ele sustentava que o casamento era “uma astúcia do demônio”, pois indicava falta de fé na proximidade do advento. No entanto, no verão de 1846, ele casou-se com Ellen Harmon.⁶

Entre outubro de 1845 e agosto de 1846, aconteceu uma reviravolta no pensamento de Tiago e Ellen White. Perceptivelmente moveram-se da perspectiva imediatista para o pensamento da ocupação até a volta de Cristo. Seu casamento é um símbolo impressionante dessa reviravolta. Eles tinham um trabalho para fazer, e Ellen não podia executá-lo sozinha. Como resultado, tomaram a primeira medida rumo à institucionalização do adventismo. Se o fim não estava tão próximo, como eles inicialmente pensavam, era necessário tomar atitudes adequadas no sentido de se prepararem para o serviço neste ínterim.

Obviamente eles não haviam deixado a fé adventista. Pelo contrário, nos próximos cinco anos começaram a ver que o Senhor tinha uma outra mensagem para o Seu povo proclamar antes do Segundo Advento – a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14:9-14. O casamento, para o casal White, tornou-se um meio para melhor cumprir a pregação da mensagem. Além de apontar sua aceitação da continuidade do tempo. Aliás, foi apenas o primeiro caminho na tarefa de colocar o adventismo numa base mais permanente para a pregação da proximidade do fim.

Repetidamente, Tiago e Ellen White empenhavam-se em estabilizar as raízes adventistas, de tal modo que o soar da terceira mensagem angélica fosse apoiado por uma base institucional adequada. Todavia, em cada ponto eles tinham de combater aqueles cuja mente estava fixa na posição imediatista da esperança do advento.

Foi assim na esfera da educação. Pelos idos de 1862, alguns crentes indagavam se o ato de enviar filhos para a escola significava falta de fé na proximidade do advento. Tiago White respondeu que “uma mente bem disciplinada e informada pode melhor receber e alimentar as sublimes verdades do Segundo Advento”. A mesma lógica, ele afirmava, era válida para aqueles que pregavam o evangelho. Assim, a próxima década encontrou Tiago e Ellen White liderando o estabelecimento do Colégio Battle Creek, para treinamento de obreiros.⁷

O casal White também envolveu-se na organização da Igreja. Como é sabido, o movimento milerita era contrário à organização, primeiro por causa da crença de que o tempo era curto e uma organização formal era desnecessária, pois Jesus deveria voltar logo. Além disso, muitos seguiram George Storrs, em sua crença de que uma igreja “torna-se Babilônia no momento em que é organizada.”⁸

Alguns dos líderes sabbatistas aceitaram a lógica de Storrs, no início de 1860. Em resposta a essa posição, Ellen White escreveu: “Foi-me mostrado que alguns estão temerosos de nos tornarmos Babilônia se nos organi-

zarmos; mas as igrejas em Nova Iorque central têm sido uma perfeita Babilônia, confusão. E agora, a não ser que elas se organizem de tal maneira que possam conduzir e aplicar ordem, nada têm a esperar para o futuro.”⁹ A organização, ela concluiu, deveria providenciar poder para o trabalho futuro.

A luta empreendida por Tiago e Ellen White em favor da organização frutificou entre 1861 e 1863. Os frutos apareceram também nas áreas de publicações e saúde. Com os marcos que colocaram a denominação numa base firme, foi possível pregar com mais eficiência a proximidade da Terra porvir.

Os Whites escolheram enfrentar a tensão entre a iminência do advento e a necessidade de continuidade da ocupação, para que os adventistas pudessem continuar pregando sobre a vinda de Jesus. Desafortunadamente, havia (e ainda há) um paradoxo inerente a esta abordagem.

Há um sentimento segundo o qual a falha nasceu do próprio sucesso da jovem denominação. Isto é, a preocupação em preservar a mensagem do iminente retorno de Cristo levou as instituições a atuar sobre uma base de continuidade, construindo uma imagem de quase perenidade. E nesse processo, algumas transformações sutis (às vezes não tão sutis) tiveram lugar.

Talvez tenha sido John Harvey Kellogg a pessoa que, como nenhuma outra, centralizou o dilema adventista na passagem do século. Kellogg levantou a cabeça e os ombros acima dos líderes da Igreja, como o construtor de um reinado. Não apenas estava presente no processo de criação de um sistema mundial de sanatórios controlados a partir de Battle Creek, mas começou ele mesmo sua própria escola de medicina em 1895, e foi o principal proponente adventista de uma obra largamente baseada no bem-estar do pobre. Em 1901, havia mais adventistas trabalhando para as

organizações Kellogg do que para o resto da denominação.¹⁰

Não há nenhuma dúvida quanto ao interesse missionário de Kellogg e mesmo quanto ao seu interesse

inicial na missão do adventismo. Cada estudante admitido em sua escola de medicina era obrigado a assinar um compromisso dedicando sua vida ao trabalho médico-missionário. Mas o esforço de Kellogg colocou-o face a face com o dilema adventista entre imediatismo e ocupação, de um modo que outros líderes adventistas jamais haviam tratado.

Os outros ramos do trabalho adventista eram muito afastados dos efeitos diretos da cultura secular e de aceitação por essa mesma cultura. Já os esforços de Kellogg tomaram lugar no limite entre a cultura e a Igreja.

Depois de 150 anos, questões sobre o que é o adventismo e o que deveria ser são de crucial importância.

Kellogg

Como resultado, a aceitação de sua contribuição pela sociedade era tanto uma real possibilidade como uma potencial tentação.

* Um caso a ser apontado é o credenciamento de sua escola de medicina, negado em 1897 em virtude de ser patrocinada por adventistas e ensinar vegetarianismo. Em 1899 Kellogg estava pronto para mais uma tentativa de conseguir o credenciamento. Dessa vez, ele mostrara ter aprendido as lições da primeira tentativa. Uma série de cartas às autoridades responsáveis pela concessão, mostrava o que o Dr. Kellogg estava querendo fazer para conseguir seu intento.

Não apenas proclamou que não acreditava “em tal coisa, como uma escola sectária de qualquer tipo, médica ou teológica”, como expôs sua heterodoxia: “Eu sou exatamente tão heterodoxo quanto vocês”, ele escreveu. “Creio no natural, não no sobrenatural.”¹¹ Até mesmo negou suas fortes convicções sobre dieta.

Tais declarações, feitas em cartas secretas a não-adventistas, contradisseram diametralmente muito do que ele havia dito aos líderes da Igreja. Mas tal era o preço da política de aceitação. O ponto a ser notado é que, nas mãos de Kellogg, a mentalidade adventista sobre saúde e temperança tinha sofrido uma transformação radical. Estabelecidas como instituições de apoio à mensagem do terceiro anjo, elas haviam se tornado instituições para o bem da humanidade. E para conseguir sucesso fora da Igreja, Kellogg achou conveniente silenciar seu adventismo.

* Ellen White lutou contra o afrouxamento de Kellogg e suas andanças em direção à secularização da obra médico-missionária adventista. “O Senhor”, escreveu ela, em 1900, “planejou que o evangelho restaurador da saúde jamais devia estar separado do ministério da Palavra.” Ela também se opôs aos esforços do Dr. Kellogg no sentido de desenvolver desproporcionalmente a obra médico-missionária, em relação a outros aspectos da denominação. A obra médico-missionária deve ser o braço direito da terceira mensagem angélica, “mas o braço direito não deve tornar-se todo o corpo”. Ela expressou preocupação de que muitas tarefas realizadas por Kellogg “poderiam ser bem realizadas pelo mundo. Mas o mundo não poderia fazer o trabalho para o qual Deus tinha comissionado o Seu povo”.¹²

Em suma, Ellen White estava chamando Kellogg de volta a seu foco missionário ori-

ginal, e ao equilíbrio entre iminência e ocupação, que inicialmente havia caracterizado a institucionalização do adventismo. Mas o doutor tinha sua própria agenda. A idéia de ocupação tornara-se tudo para ele, e o pensamento de iminência, um incômodo e um embaraço. Finalmente, ele deixaria a denominação no início do século. Assim, poderia operar seu trabalho filantrópico sem o estorvo do adventismo.

A tensão continua

Tiago e Ellen White, José Bates e John Kellogg já se foram. Mas continua a existir no adventismo uma interminável tensão entre iminência e ocupação relacionadas à volta de Jesus.

Uma rápida olhada nos relatórios da Associação Geral indica que a Igreja está indo maravilhosamente bem no aspecto ocupação. Até 31 de dezembro de 1993, existiam 539 Unições e Campos Locais, 36.920 congregações, 4.492 escolas fundamentais, 953 escolas de segundo grau, 85 universidades, 35 indústrias alimentícias, 148 hospitais e sanatórios, 92 asilos e orfanatos, 354 clínicas, sete centros de comunicação, 66 casas publicadoras.

Essas instituições empregavam 136.539 obreiros e funcionários.¹³ Tudo isso, sem falar na Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra.

O adventismo está realmente muito bem quanto à ocupação. Mas uma intrigante questão surge quanto ao propósito dessa ocupação. E isso traz à tona o assunto da identidade.

* Aliás, esse é um assunto fundamental para todos os organismos cristãos. Compreender a identidade e o papel da Igreja no quadro da história, infunde propósito e direção. É desnecessário dizer que as percepções de identidade não são estáticas. Elas mudam com o tempo, e isso pode ser bom ou mau.

Intimamente relacionado com a identidade está o tempo. Este pode exercer um efeito corrosivo sobre a identidade, especialmente nos grupos que esperam para muito breve a vinda de Cristo. A passagem do tempo suscita questões, apresenta problemas e desafios que não seriam enfrentados pelos fundadores do movimento.

Os efeitos corrosivos do tempo transformaram a mentalidade inicial da Igreja, de pré-milenista a pós-milenista. E esses efeitos ainda estão operando dentro do adventismo atual.

Depois de 150 anos, questões sobre o que é o adventismo e o que deveria ser são de crucial importância. E elas estão sendo enfrentadas com frequência cada vez mais crescente.

Também relacionado ao tempo, em função da identidade, está a questão das mudanças. Elas não estão operando apenas dentro da Igreja, mas são o principal fator no mundo onde a Igreja busca ministrar. A existência de mudanças é certa, e a maneira pela qual a Igreja se relaciona com elas é absolutamente crucial para sua identidade.

Enfrentando mudanças

* Existem algumas maneiras de enfrentar as mudanças e a História. Uma delas é viver no passado como se este pudesse ser preservado como uma era dourada. Tal abordagem minimiza a realidade da mudança. A longo prazo, seus proponentes nada têm a dizer à geração presente, porque eles perderam o contato com as realidades diárias. É um pensamento que encontra missão apenas entre aqueles que desejam viver num passado intelectualmente dirigido e/ou num gueto social. Muitos adventistas abraçam essa abordagem de mudança.

* Uma segunda maneira inviável de a Igreja relacionar-se com mudança e História é a focalização exclusivamente ou quase exclusivamente no futuro. Embora tenha o foco oposto àqueles que se fixam no passado, o resultado é o mesmo. Perde-se o contato com as necessidades e realidades atuais.

* O outro modo de enfrentar a mudança e a História é a focalização quase exclusivamente no presente, enquanto se enfatiza "relevância". E isso é importante. Depois de tudo, irrelevância certamente conduz ao desastre. Por outro lado, mera relevância é o caminho para o lugar nenhum. A relevância que fincou suas raízes bíblicas no sobrenatural é mais um caminho para a perda. A estabilidade da relevância cristã deve ser enraizada nos grandes e transcendentos atos de Deus na história de Seu povo.

Mas a Bíblia nos apresenta um outro caminho, que não é nem irrelevante nem meramente relevante. Este ponto de vista está ancorado na condução divina da história de Seu povo e da construção de um fim da história terrestre, por ocasião do segundo advento. Mas ele não negligencia as circunstâncias e necessidades do presente. Assim, expõe uma orientação presente na estrutura de um passa-

do contínuo e o futuro. Apresenta um ponto de vista cósmico que encontra identidade para o presente tanto na História como na profecia.

Sua relevância, sendo enraizada na continuidade da história e na mudança, não é transitória. Ao contrário, a linha que transcorre do passado histórico ao futuro profético provê perspectiva, direção, e identidade para o presente. Quando o adventismo, ou qualquer outro organismo cristão, perde contato com o passado histórico ou o futuro profetizado, colherá como fruto a desorientação no presente.

As tensões de hoje

* Em 1955, o adventismo encontrou-se num lugar semelhante àquele onde estiveram seus fundadores mileritas, no final de 1844 e início de 1845, no que se refere à continuidade da história e mudança e às tensões entre imediatismo e ocupação. Em certos setores do mundo adventista, nós encontramos aqueles que estão estreitamente ligados a um quase delírio de estabelecimento de datas, procurando viver num constante estado de excitação a respeito da proximidade do fim. Sua fé é baseada nas crises do mundo em vez de nas promessas de Deus. Mesmo seu comportamento é motivado pelo sentimento de proximidade.

Esse tipo de fé adventista tende a ser uma experiência do tipo "sobe e desce". Falha em aprender as lições de Mateus 24:36-25:46. Uma fé adventista saudável deve ser baseada em algo mais que imediatismo e excitação. Uma profunda fé, baseada nas promessas de Deus e uma vida caracterizada pela vigilância e serviço cristão, no espaço entre a ascensão e o segundo advento, é o que é requerido.

Uma segunda preocupação que os adventistas pós-1844 e os atuais têm tido em relação à história e à iminência é a realidade de um segundo advento literal. Na metade dos anos 1840, alguns mileritas frustrados espiritualizaram o literalismo do advento e sugeriram que Cristo viria individualmente nos corações e mentes. É muito fácil para os modernos adventistas seguir uma linha de pensamento similar, interpretando metaforicamente as promessas do advento, argumentando que esse acontecimento tem lugar na vida de cada pessoa, por ocasião da sua morte.

Seguir esse curso equivale a renunciar a esperança do advento que estimula a ressurreição do adventismo. Não apenas modifica

o plano dos ensinamentos bíblicos, mas nega a promessa profética do futuro. Essa linha de pensamento leva à abdicação da crença no próprio adventismo e dissolve a identidade adventista.

No extremo oposto àqueles que vivem sob a louca ansiedade do excitação apocalíptico, estão os que são tentados em suas frustrações a demorar para deixar completamente o apocalipticismo. Esse curso de ação foi seguido por muitos dos mileritas desapontados, e ainda é uma opção viva nos anos 90.

Mas seguir tal direção é renunciar o coração da identidade adventista. O adventismo milerita surgiu em resposta a um estudo das profecias de Daniel 7 a 9, e o adventismo sabatista enriqueceu esta perspectiva ao enfatizar Apocalipse 12 a 14. Os sabatistas viram-se a si mesmos como a personificação da mensagem remanescente de Apocalipse 12:17 e do terceiro anjo de apocalipse 14:9-12. Essa compreensão providenciou uma perspectiva cósmica do tempo do fim, que os levou aos confins da Terra com sua mensagem peculiar. Eles viam-se como um povo profético.¹⁴

Tire-se essa compreensão apocalíptica, e teremos removido o coração do adventismo. E essa é uma tentação muito real para o adventismo no final do século vinte. Ela será mais intensa no sentido de que seja tirada a mensagem apocalíptica do adventismo, substituindo-a por "algo mais prático" no mundo real. Ademais, não está escrito em Mateus 25:31-46 o ensinamento de que justiça social e misericórdia serão elementos cruciais entre aqueles que esperam a volta de Jesus?

Isso é verdade mas não é o quadro completo da Igreja expectante. Há dois focos apocalípticos no Novo Testamento. O primeiro enfatiza o ministério fiel durante o tempo de espera e vigilância (Mat.24; 25; Marcos 13; Lucas 21). O segundo, primeiramente encontrado em Apocalipse, descreve a mensagem de Deus para os últimos dias e o conflito final entre as forças do bem e do mal.

O adventismo bíblico tanto em 1844 como em 1996, e através de sua história, tem sido chamado para integrar o apocalipse

do Novo Testamento em sua teologia e missão. Não uma coisa ou outra, mas as duas.

Desafortunadamente, muitos membros da Igreja, e mesmo líderes, parecem achar mais confortável adotar a metade do quadro ao invés de seu todo. Assim, alguns que estão deixando as asas do imediatismo são tentados a brincar de Igreja ou adotar uma visão kelloggiana.

Perigo do institucionalismo

Brinçar de Igreja parece ser um esporte popular entre expressivos membros e líderes adventistas. A essência da brincadeira reside no continuísmo e manutenção do status. Pode-se argumentar que a pior coisa que aconteceu ao adventismo foi aprender a contabilizar. Hoje contabilizamos instituições, membros, conversos, dinheiro, e muita coisa mais. Lamentavelmente, quantidade e sucesso não estão necessariamente relacionados.

Para aqueles que gostam de contabilizar coisas, há o perigo de visualizar a identidade adventista em termos de tamanho, número, variedade de instituições denominacionais e quantidade de membros, primariamente, sem o sentido de missão. Brincar de Igreja envolve um grande número de atividades para manter a maquinaria expandindo-se.

Infelizmente a maquinaria muito frequentemente torna-se um fim em si mesma, quando devia ser um meio para alcançar um objetivo. Como resultado, fica difícil modernizá-la ou substituí-la por modelos mais eficientes. A tendência em tais situações é ganhar progressivamente identidade, partindo de coisas erradas.

Há os que têm a propensão para abraçar a visão de Kellogg para o adventismo. Frequentemente vêm o trabalho comunitário, na linha de saúde e temperança, como o ponto focal do que a Igreja deve ser durante o período de ocupação.

Michael Pearson sugere que o adventismo está enfrentando uma réplica da dinâmica experimentada sob a filosofia de Kellogg, 100 anos atrás. Ele aponta, por exemplo, que as finanças do massivo sistema de saúde adven-

Talvez a pior coisa que
aconteceu ao adventismo foi
aprender a contabilizar. Hoje
contabilizamos instituições,
membros, conversos,
dinheiro, e muita coisa mais.

tista tolvhem o orçamento da Associação Geral.¹⁵ Além disso, poderosas forças no mercado têm trabalhado para secularizar o sistema de saúde adventista norte-americano. Prosperidade institucional e crescimento parecem ser coisas prioritárias no atual sistema, enquanto qualquer missão distintivamente adventista parece estar num segundo plano.

Pearson também nota que a mesma dinâmica deve afetar a Adra.¹⁶ Enquanto em muitos casos essa agência esteja muito mais intimamente ligada à distintiva missão do adventismo do que o sistema hospitalar, o tempo e o contínuo crescimento poderiam contradizer esse relacionamento numa agência que tem o potencial de eventualmente sobrepujar os gastos do sistema hospitalar. No processo, o foco primário do adventismo poderia ser involuntariamente redirecionado enquanto a influência da Adra é fortalecida dentro da denominação.

Para não ser erroneamente compreendido, devo explicar que sou favorável aos benefícios realizados pelo sistema hospitalar, pela Adra, e outras instituições da Igreja. O ponto principal é que o adventismo enfrenta o mesmo tipo de problemas e tentações do seu atual sucesso, e que também foram enfrentados por Kellogg, inicialmente. É muito fácil mudar o enfoque apocalíptico do adventismo em pequenos incrementos, para conquistar aceitação ou receber fundos adicionais. Todavia, a terceira mensagem angélica, descrita no coração do Apocalipse, ainda é o ponto focal da missão adventista.

Tentação pós-milenista

Esperar pelo advento é talvez um negócio frustrante. Assim, torna-se fácil desconectar a esperança adventista pré-milenista, exceto no nome, enfatizar as boas obras e mesmo pregar justiça social como sendo a missão profética da Igreja. Nesse processo, o dualismo apocalíptico adventista e a compreensão profética gradualmente saem do quadro.

Conforme mencionado anteriormente, boas obras e trabalho para reformar as estruturas sociais em nome de Cristo, são excelentes em si mesmos, mas necessitam ser vistos e apreciados dentro da perspectiva do advento pré-milenista. Tal perspectiva está enraizada na continuidade do tempo que corre do passado e se estende para o futuro.

Divorciadas dessa continuidade, as

boas obras e excelentes perspectivas derivam uma forma de pós-milenismo, que se torna um enfoque melhor do que o segundo advento para o mundo. Com tal visão, implícita ou explicitamente, o adventismo terá feito um círculo completo desde o extremo do imediatismo até o extremo da ocupação, tornando-se, nesse caso a última contradição escatológica: um corpo religioso que teve grande sucesso com o propósito de pregar a proximidade do advento, mas uma Igreja que perdeu o significado do próprio nome que originalmente proveu sua identidade.

Aprender a viver com êxito em meio às tensões sobre o presente e o futuro é a inacabada tarefa legada ao adventismo pelos sobreviventes de outubro de 1844.

Referências:

1. George Knight, *Millennial Fever and the End of the World*, págs. 231-325, Pacific Press; Boise, Idaho; 1993.
2. Richard W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant*, pág. 54, Pacific Press, Mountain View, Califórnia, 1979.
3. José Bates, *An Explanation of the Typical and Antitypical Sanctuary by the Scriptures*, págs. 10 e 11, New Bedford, Mass.
4. Ellen G. White, *Review and Herald*, 21/07/1851, edição extra.
5. Ellen White, *Primeiros Escritos*, págs. 14, 15, 22; R&H.
6. Tiago White, *The Day Star*, págs. 25 e 26, 20/09/1845. pág. 47, 11/10/1845; Ellen White *Vida e Ensinos*, págs. 126 e 238, Battle Creek, MI.
7. W. H. Ball e Tiago White, *Review and Herald*, 23/12/1862, pág. 29; Roy E. Graham, *Early Adventist Educators*, págs. 18 a 25; Berrien Springs, MI.
8. George Storrs, *Midnight Cry*, 15/02/1844, pág. 238.
9. R. F. Cottrell, *Review and Herald*, 22/03/1860, págs. 140 e 141; Ellen White, *Idem*, 27/08/1861, pág. 101.
10. Richard W. Schwarz, *Spectrum*, Spring 1969, págs. 15 a 28; "John Harvey Kellogg: American Health Reformer", dissertação, Universidade de Michigan, 1964, pág. 347.
11. _____, *Adventism's Social Gospel Advocate*, Dudley S. Reynolds a Robert Levy (06/01/1899) e a J; H. Kellogg (17 e 24/01/1899; Memorandum do Concílio da Faculdade de Medicina, 02/06/1897; J. H. Kellogg a Dudley Reynolds, 19 e 26/01/1899.
12. Ellen White, *Manuscrito*, 01/01/1900; e *Testimonies*, vol. 8, pág. 185.
13. *Relatório Estatístico Anual -1993*. págs. 2, 3 e 31; Associação Geral da IASD, 1994.
14. P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-Day Adventist Message and Mission*; págs. 327 a342, Grand Rapids, 1977.
15. Michael Pearson, *Millennial Dreams and Moral Dilemmas: Seventh-Day and Contemporary Ethics*, págs. 28 e 29, Universidade de Cambridge, 1990.
16. *Ibidem*.

Uma História em cada história

JOSÉ MONTEIRO DE OLIVEIRA

*Professor no Educandário Nordestino Adventista,
Belém de Maria, PE.*

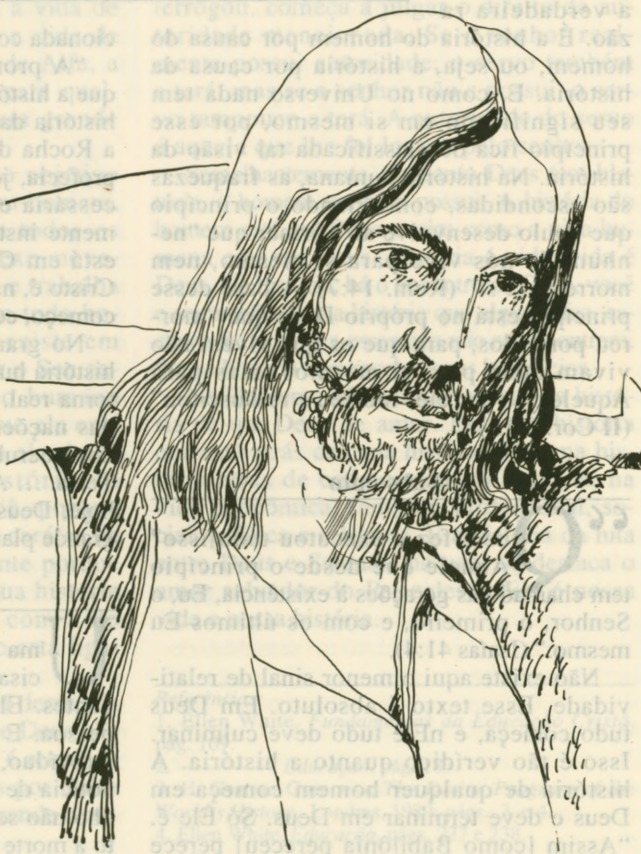
História pela história

A Bíblia relata inumeráveis histórias e dos mais variados matizes. Histórias que descrevem os mais diferentes sentimentos que se assentam na alma humana. Algumas pintando tão grande crueldade, que dificilmente encontram paralelo na literatura secular, como é o caso de Davi e Urias. Histórias de amor entre humanos, por outro lado, jamais podem ser comparáveis à de Cristo. Nessa linha de pensamento, poderíamos sustentar com exemplos bíblicos todos os tipos de literatura que o homem conhece. Então, perguntariam alguns, onde reside a diferença entre a Bíblia e a literatura secular?

Embora pareça surpreendente, a verdade é que a Bíblia não se interessa em contar simplesmente as histórias de José, Abraão, Daniel ou Ester. As Escrituras Sagradas reconhecem apenas uma história: "Houve peleja no Céu. Miguel e Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos." (Apoc. 12:7).

Procurar na Bíblia apenas a história de um homem, significa algo muito superficial. É satisfatório somente quando é possível ver a história de Deus nesse homem. O que deve ser destacado e ressaltado são os princípios do caráter de Deus, não a passageira glória humana. A história é a história de Deus na frágil massa humana. A Bíblia não idolatra seus personagens. Ela faz ressaltar os resultados de toda e qualquer atitude tomada.

O maior herói da Bíblia é Cristo. Dos homens, é dito, a glória é curta, se-
cando-se como a erva. É muito frágil qual-
quer plano que descreva a história em glo-
rificação do homem, considerando sua ex-
trema debilidade. O motivo da história é a
glória de Deus. Segundo diz Ellen White



“Deus é revelado na Natureza; Deus é revelado em Sua Palavra. A Bíblia é a mais admirável de todas as histórias, pois é a produção de Deus, e não da mente finita. Faz-nos remontar através dos séculos ao início de todas as coisas, apresentando a história de tempos e cenas que de outro modo jamais teriam sido conhecidos. Revela a glória de Deus na operação de Sua providência para salvar o mundo caído. ... A luz resplandece das páginas sagradas em raios claros e gloriosos, mostrando-nos a Deus, o Deus vivo, segundo é representado nas leis de Seu governo, na criação do mundo, nos Céus adornados por Ele”.¹

A história secular, ou uma leitura secular da Bíblia, dá a entender que a história do homem tem nele próprio a verdadeira razão. É a história do homem por causa do homem, ou seja, a história por causa da história. E, como no Universo nada tem seu significado em si mesmo, por esse princípio fica desclassificada tal visão da história. Na história humana, as fraquezas são escondidas, contrariando o princípio que Paulo desenvolve ao afirmar que “nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si” (Rom. 14:7). A base desse princípio está no próprio Deus que “morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou” (II Cor. 5:15).

O absoluto

“**Q**uem fez e executou tudo isso? Aquele que desde o princípio tem chamado as gerações à existência, Eu, o Senhor, o primeiro, e com os últimos Eu mesmo.” (Isaías 41:4).

Não existe aqui o menor sinal de relatividade. Esse texto é absoluto. Em Deus tudo começa, e nEle tudo deve culminar. Isso é tão verídico quanto a história. A história de qualquer homem começa em Deus e deve terminar em Deus. Só Ele é. “Assim [como Babilônia pereceu] perece

tudo o que não tem a Deus como seu fundamento. Apenas o que se liga ao Seu propósito e exprime Seu caráter, permanecerá. Seus princípios são as únicas coisas firmes que o mundo conhece. São estas grandes verdades que velhos e jovens necessitam aprender. Precisamos estudar a realização dos propósitos de Deus na história das nações.”²

Deus é o grande “Eu Sou”, o Alfa e o Ômega de toda e qualquer história. NEle começa e termina a história. Em todos os seus lances é encontrado o caráter de

Deus, quer incentivando e fortalecendo o homem para uma boa ação, quer concedendo vida e saúde mesmo ao maldoso, permitindo-lhe desenvolver seu caráter pervertido. Não há história senão a que está rela-

cionada com a história de Deus.

“A profecia revela a gloriosa verdade que a história do mundo não é outra senão a história da redenção do mundo. ... Quando a Rocha da História é ferida pela vara da profecia, jorra água viva. Tal é sempre necessária e refrescante. Sempre brilha na mente instruída a sagrada verdade – Deus está em Cristo reconciliando o mundo; e Cristo é, na História, seu Alfa e Ômega, seu começo, centro e fim.”³

No grande absoluto está a realidade da história humana. NEle a história humana se torna real. “Por entre contendas e tumultos das nações, Aquele que Se assenta acima dos querubins ainda dirige os negócios da Terra. ... A cada nação, a cada indivíduo de hoje, Deus tem destinado um lugar no Seu grande plano.”⁴

Despertando interesse

Uma história para ser interessante precisa ter algo mais que lances empolgantes. Ela deve estar relacionada com a pessoa. E quanto mais relacionada com o indivíduo, mais interessante é para ele. A notícia de 20 mil mortes em um país estranho não sensibiliza tanto uma pessoa quanto a morte de sua tia. E, por vezes, uma for-

te dor de dente causa ainda maiores reações no indivíduo. Quanto maior a sua relação com a história, maior seu interesse nela. A descrição cuidadosa que faz um alfaiate sobre as dificuldades que teve para pregar a manga de um paletó, não causa a menor sensação em quem não tem o mínimo conhecimento dessa arte. É empolgante, no entanto, para quem conhece a profissão.

Esse mesmo fenômeno ocorre com a história. Ela é como uma pequena engrenagem que trabalha em função de uma grande

maquinaria. Enquanto a vida de alguém gira, está impulsionando outras. A história de uma pessoa não existe separada dos semelhantes. Direta ou indiretamente, em grande ou pequena intensidade, a vida de qualquer um está influenciando a vida de todos os demais. Deus é o grande Alfa, a força motriz que dá o impulso para qualquer atitude. Ninguém gira nesta grande maquinaria por si só.

A história é registrada com o objetivo de mostrar nessa relação homem-homem, a grande dependência que têm todos os homens de Deus. Todo o complexo move-se pela energia que vem de fora e trabalha por um objetivo superior. Assim todo homem se move pela força que existe em Deus, e tem por objetivo exaltar o Seu caráter. A história do mecanismo humano deve interessar a cada ser, porque ela está relacionada com ele, e o grande elo de ligação é Deus. Assim, a história de Abraão é importante para você, porque lhe afeta, uma vez que revela o caráter de Deus. A sua história é importante porque revela a história do seu Deus. Sua história está intimamente relacionada com a do seu irmão, mas não tanto quanto está ligada com Deus.

A história é história porque está dentro da história de Deus. Sem a história de Deus não há história. A história de alguém é retratada não por causa deste alguém, mas por causa de Deus. O caráter de Deus é a grande revelação de toda e qualquer história.

A realidade da história do homem na história de Deus não minimiza a personalidade humana, antes a fortalece. "Sem Mim nada podeis fazer", disse Jesus. Essa é outra passagem que deve receber mais atenção de todos os estudiosos das Escrituras Sagradas e que tem aplicação absoluta.

Na vida comum, frequentemente alguém recebe autoridade de outrem para cumprir alguma tarefa. Se, quando o

servo está cumprindo alguma ordem, é interpelado por que o faz, responderá fazendo menção do senhor que lhe deu autoridade. Às vezes, nesse momento, quem interrogou, começa a julgar o direito da autoridade mencionada. Se o senhor realmente possui autoridade, o servo também a terá; mas se o senhor não a possui, o servo tampouco a terá. A autoridade do servo é aquela que lhe foi legada pelo senhor.

Semelhantemente, enquanto Deus tem história, o homem também possui. A história do homem está em Deus, assim como a vida humana está em Deus. História é vida, vida é Deus. Na história, há o encontro de Deus, você e seu irmão. Se na história que alguém faz, escreve lê ou ensina esses três não se encontram, faz-se história sem receber seus benefícios.

No Universo só há uma história – a história de um Deus de amor. Essa é a história que está atrás de cada história. Há uma história atrás de cada conquista humana, na vida econômica, familiar, profissional, social, política e religiosa. É a história da luta entre Deus e Satanás, na qual se destaca o amor salvador do Pai celeste. Ele é nossa vida e nossa história.

Referências:

1. Ellen White, *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 109.
2. ———, *Educação*, pág. 183.
3. H. Grattan Guinness, *The Divine Program of the World's History*, Londres, 1989; págs. 3 e 4.
4. Ellen White, *Educação*, págs. 237 e 238.

Missão e salvação

LUIZ NUNES

Diretor do Salt - Iaene, Cachoeira, BA.

Ao longo de 150 anos de história, temos, como Igreja, perseguido o nosso objetivo: anunciar a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14 a cada criatura, de cada grupo étnico, em todo o mundo. Existem 24 mil desses grupos, dos quais doze mil não foram alcançados pela cristandade, e um número ainda maior precisa ser evangelizado. Esta é a nossa tarefa. Compreenderemos melhor a causa dessa situação, tendo um esclarecimento sobre nossa visão missionária através da história.

Porta fechada.

Inicialmente, essa visão, mantida por nossos pioneiros era muito limitada. Após a experiência de 22 de outubro de 1844, prevaleceu por algum tempo o ensinamento de que a possibilidade de salvação terminara para todos os que rejeitaram a mensagem milerita, anunciada desde 14 de agosto de 1831 até o grande desapontamento. Essa visão missiológica, conhecida como Teoria da Porta Fechada, foi ensinada por Apollos Hale e Joseph Turner a partir de janeiro de 1845.

Os líderes do movimento adventista de então creram, temporariamente, em tal doutrina. Alguns, como José Bates, acreditavam que para os judeus a oportunidade ainda estava aberta, mas somente para eles, além dos mileritas. Para Bates, a porta da salvação estava fechada a todos os outros cristãos. Assim os nossos pioneiros compreendiam a missão.

Um fator que muito contribuiu para que houvesse uma alteração desse ponto de vista foi a revelação recebida por Ellen White, em 24 de março de 1849, quando ela disse que a porta que foi fechada referia-se à primeira fase do ministério de Cristo no santuário celestial; entretanto, uma segunda porta foi aberta – a do santíssimo, ou a segunda fase da obra intercessória que incluía o juízo do Dia da Expição. A partir desta época, pessoas que não tiveram relação com o milerismo converteram-se a Cristo e aceitaram as doutrinas características do adventismo.

Por volta de 1854, Bates e Tiago White estavam prontos para aceitar que a porta da salvação somente se fecha quando alguém rejeita individualmente, e para sempre, o apelo do Espírito Santo. Em torno desse período, iniciou-se o trabalho de conferências públicas que atraía milhares de americanos. Nesse mesmo tempo, acontece o trabalho de evangelização entre as minorias étnicas dos Estados Unidos. Somente em 1864, Michael Czechowski viajou para a Europa, por conta própria, com o objetivo de evangelizar os valdenses.

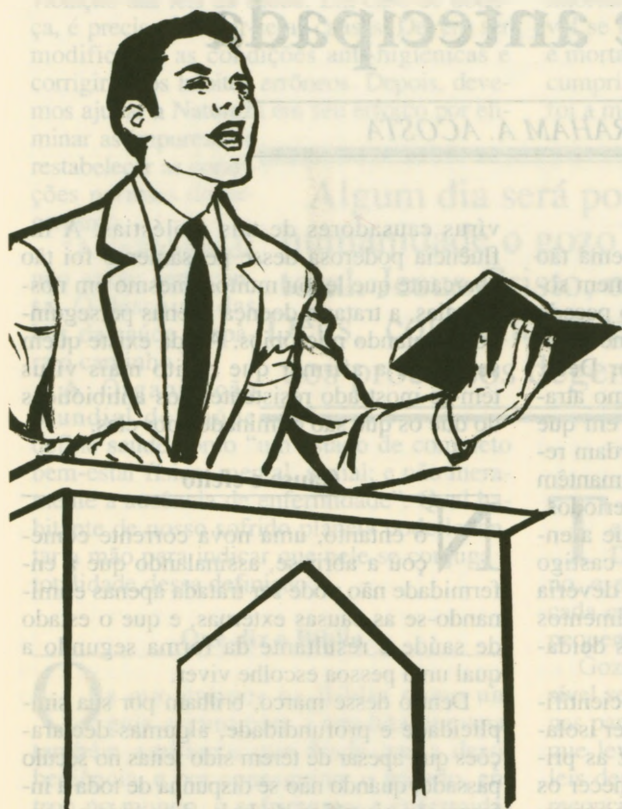
Dez anos depois, em 1874, J. N. Andrews seria enviado à Europa. Gastamos 30 anos de nossa história para enviarmos o nosso primeiro missionário além-mar. Na década de 1870, o número de adventistas triplicou; contudo havia um perigo subjacente em tudo isso.

Realizações versus devoção

A pesar das importantes realizações dos primeiros trinta anos, tais como a organização da Igreja, o estabelecimento da Obra de Saúde, a evangelização dos Estados Unidos e da Europa, a implantação do sistema educacional, a Igreja Adventista do Sétimo Dia viveu uma séria crise relacional e teológica. Para conturbar ainda mais a situação da Igreja, a nação norte-americana vivia os perigos de uma guerra civil, que, aliada à uma teologia legalista e ariana e à tendência americana, mais preocupada em fazer do que ser, preparou a crise de Mineápolis, em 1888.

A Igreja voltada para suas realizações esqueceu-se de sua vida devocional. Desde 1856, Ellen White conclamava o povo e os líderes à contrição e ao arrependimento. A grande lição histórica a ser aprendida é que as realizações na Obra do Senhor não substituem a necessidade de comunhão com o Senhor da Obra.

Foram exatamente as realizações, em detrimento da devoção, que conduziram nossa Igreja ao capítulo mais escuro da nossa his-



tória, enquanto que, posteriormente, o mais iluminador. Tal situação levou o Pastor Butler, presidente da Associação Geral, e Uriah Smith, professor de Teologia e diretor da *Review and Herald*, a pensarem que sua visão teológica era a pura verdade adventista. Achavam que deviam defender o que pensavam ser o marco da fé. Isso, para logo se surpreenderem de que o Pastor W. White e sua mãe, Ellen White, tomaram posição, como muitos outros, contra a liderança de então.

A Igreja daqueles dias nada decidiu quanto aos temas teológicos discutidos, motivo pelo qual não pode ser acusada de rejeição da mensagem de justificação pela fé. Quando, em 1890, Uriah Smith reconheceu seu erro em opor-se aos dois jovens do Oeste – Jones e Waggoner –, Ellen White declarou: “A revelação da justiça de Cristo, em 1888, era o início da luz do anjo cuja glória encheria toda a Terra.” (*R&H*, 22/11/1892).

Três pilares básicos

Portanto, nós temos intimamente relacionadas a verdade da justiça pela fé, a

missão da Igreja e a chuva serôdia (Apoc. 18:1; 14:6-12). A missão somente poderá ser executada com eficiência, e a chuva serôdia somente ocorrerá quando a justificação pela fé for entendida e vivida pelos membros da Igreja Adventista. A eficácia da missão depende da nossa visão a respeito da salvação. Fora dos meios adventistas, também é confirmada a mesma posição.

No Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado em Lausanne, Suíça, o Pastor Billy Graham afirmou que “a razão pela qual os grandes movimentos missionários do século XIX poduziram impacto duradouro no mundo, foi o fato de terem sido internamente fortes. Eles sabiam em quem acreditavam, e estavam resolvidos a proclamá-Lo ao mundo. Precisamos orar para que nós também possamos experimentar esse mesmo tipo de fé e urgência”.

Um desafio

O desafio da evangelização mundial é gigantesco: dos seis bilhões de indivíduos, dois bilhões são cristãos. E desses, oito milhões são adventistas. Isso significa 0,13% da população mundial. Embora acreditemos que outras religiões cristãs também evangelizem o mundo, somente 30% dos cristãos estão comprometidos com a missão, ou seja, apenas 600 milhões.

O nosso maior problema é como sermos eficientes na proclamação do evangelho. A pergunta que se impõe é: Já houve época em que a Igreja foi capaz de evangelizar seus contemporâneos? A resposta é sim. “... Não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes, e que foi pregado a toda a criatura debaixo do Céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.” (Col. 1:23).

Assim, nós temos um padrão para o exercício da missão: a Igreja apostólica, onde a teologia e a missiologia se encontram. Essa relação acontece com mais clareza no livro de Atos. Somente nesse relacionamento vamos encontrar a motivação constante, os princípios que norteiam a evangelização e a solução do desafio da evangelização.

Saúde antecipada

ABRAHAM A. ACOSTA

Saúde *versus* doença é um esquema tão antigo como a existência do homem sobre a Terra. Pelo menos desde que o pecado fez sua aparição intrusa e misteriosa no mundo perfeito e harmonioso criado por Deus. Seu significado não tem sido o mesmo através dos tempos. As grandes épocas em que se divide a história da medicina guardam relação com o conceito que os povos mantêm acerca dessas duas palavras, nesses períodos.

Por exemplo, numa época em que a enfermidade era concebida como um castigo dos deuses, a consecução da saúde deveria ser feita mediante práticas e procedimentos destinados a conquistar o favor das deidades enfurecidas.

Quando, através da investigação científica e experimentação, começaram a ser isolados os primeiros vírus, saíram à luz as primeiras vacinas e foram dados a conhecer os primeiros antibióticos, o mundo convenceu-se de que a doença era o resultado da ação de causas externas ao organismo humano e que a conquista da saúde dependia, essencialmente, do ataque sem misericórdia aos

vírus causadores de tais moléstias. A influência poderosa desse pensamento foi tão abarcante que levou muitos, mesmo em nossos dias, a tratar a doença apenas perseguindo e matando micróbios. Ainda existe quem se atreva a afirmar que muito mais vírus têm-se mostrado resistentes aos antibióticos do que os que são eliminados por eles.

Causa e efeito

No entanto, uma nova corrente começou a abrir-se, assinalando que a enfermidade não pode ser tratada apenas eliminando-se as causas externas, e que o estado de saúde é resultante da forma segundo a qual uma pessoa escolhe viver.

Dentro desse marco, brilham por sua simplicidade e profundidade, algumas declarações que apesar de terem sido feitas no século passado, quando não se dispunha de toda a informação científica de hoje, descreviam conceitos avançados em relação com saúde e enfermidade. Ellen White, por exemplo afirma: "A enfermidade é um esforço da Natureza para livrar o organismo das condições de uma



violação das leis da saúde. Em caso de doença, é preciso indagar-se as causas. Devem ser modificadas as condições anti-higiênicas e corrigir-se os hábitos errôneos. Depois, devemos ajudar a Natureza em seu esforço por eliminar as impurezas e restabelecer as condições normais do organismo.

“A enfermidade não surge sem causa. O descuido das leis da saúde prepara o caminho.”

A Organização Mundial de Saúde

define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental, social; e não meramente a ausência de enfermidade”. Qual habitante de nosso sofrido planeta pode levantar a mão para indicar que nele se conjuga a totalidade dessa definição?

Que diz a Bíblia

Os que cremos na Bíblia como um guia seguro para a conduta humana, também aceitamos que desde que a desobediência, e por conseguinte o pecado, entrou no mundo, o sofrimento, a enfermidade e a morte são o preço cobrado de todos os seres humanos.

A Bíblia afirma: “...Toda a cabeça está doente e todo o coração enfermo. Desde a planta do pé até à cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, umas e outras não espremidas, nem atadas, nem amolecidas com óleo.” (Isaías 1:5 e 6).

De acordo com essa declaração, saúde, em sua plenitude, seria algo utópico dentro das condições atuais em que vive o ser humano. Nesse caso, a humanidade não estaria dividida entre sadios e doentes, mas entre menos ou mais doentes.

Estaríamos nós, então, num beco sem saída? Felizmente não. Com uma linguagem cheia de esperança, as Escrituras Sagradas afirmam que não será assim eternamente. Algum dia será possível à humanidade o gozo de saúde total e integral. Jesus Cristo, o Filho de Deus, Criador do mundo e do homem, virá para colocar um ponto final aos processos degenerativos, à dor, à enfermidade e à morte. “Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da

imortalidade. E quando este corpo corruptível se revestir da incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.” (I Cor. 15:53 e 54).

Isso não significa que devemos cruzar os braços, numa atitude conformista, pensando que se todos estão doentes nada existe para ser feito, a não ser aguardar o dia do cumprimento da promessa do Senhor.

Saúde antecipada

Temos o privilégio de cooperar com Deus para minorar o sofrimento humano, e para dar, mediante nossos esforços, a cada enfermo, a cada paciente sofredor, um pequeno gozo antecipado da saúde.

Gozo antecipado de saúde jamais será possível se nosso trabalho estiver orientado apenas para os sintomas, sem decididos esforços que levem o enfermo ao conhecimento das leis de saúde, à obediência das mesmas e à reconciliação com aquelas que tem violado.

Gozo antecipado de saúde somente será possível quando ajudarmos o doente a compreender que o homem é um ser físico, mental, social e espiritual, e que todas essas áreas da vida devem ser fortalecidas de maneira equilibrada e harmoniosa.

Gozo antecipado de saúde implica, acima de tudo, entregar nossa existência Àquele que ainda hoje nos diz: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.” (João 10:10).

“Devemos lembrar sempre que o objetivo da obra médico-missionária consiste em dirigir os enfermos do pecado ao Mártir do Calvário, que tira os pecados do mundo. Contemplando-Lhe, serão transformados à Sua semelhança. Devemos animar o doente no sentido de olhar a Jesus e viver”, diz Ellen White.

Li, certa vez, numa revista médica, um artigo sobre medicina preventiva. O autor assinalava que “a meta principal é a de chegar à velhice com suficiente capacidade física e mental, para que a pessoa possa cuidar-se de si mesma”. A isso eu acrescentaria o alvo do preparo para que, algum dia, todos recebam a saúde total da promessa de Jesus.

PASTOR

Liderança pastoral

FRANZ RIOS

*Professor de Teologia na Universidade da União
Incaica, Lima, Peru.*

Define-se liderança pastoral como a habilidade que tem o pastor para levar sua congregação ao cumprimento da missão, obtendo deles a máxima colaboração e o mínimo de oposição aos planos traçados.

Estudos realizados por Donald McGavran, Peter Wagner, Gottfried Oosterwal, e recentemente por Daniel Rode, em sua tese doutoral sobre crescimento de igreja, demonstram que um dos fatores essenciais para tal crescimento é a qualidade de liderança exercida pelo pastor.

Isso pode ser comprovado quando uma igreja estagnada recebe um pastor com liderança sólida e passa a crescer de modo considerável. Ou quando uma igreja em franco processo de crescimento passa a ter um pastor que não demonstra possuir uma liderança dinâmica. Essa igreja simplesmente estanca em seu desenvolvimento.

Aceita a idéia de Ted Engstrom, de que "o líder não nasce feito; ele se faz ao longo da vida", poderíamos dizer que todos os pastores podem desenvolver as condições que os converterão em líderes de sucesso. É inegável que a liderança de um pastor nos dias atuais, deve ser multifacetada e multifuncional. Ele necessita atender a um grande número de pessoas, e assistir a muitas reuniões e comissões, decorrentes da multiplicação de instituições, igrejas e congregações de seu distrito. E necessita empregar tempo para a proclamação do evangelho às pessoas que ainda não conhecem a Cristo, sem esquecer a atenção à família.

Desafio

Num encontro de capacitação, realizado com um grupo de leigos, eles expressaram suas preocupações relacionadas com os pas-

tores e as funções que lhes cabe desempenhar. Em resumo, estes foram os pontos abordados:

1. Há escassez de pregação essencialmente bíblica, por parte dos pastores. Além disso, a impressão que deixam transparecer é que não dedicam tempo suficiente para preparar seus sermões.

2. Algumas famílias de pastores não representam uma inspiração para a comunidade.

3. Há necessidade de mais instrução da parte dos pastores a seus colaboradores, para que estes os ajudem no trabalho de pregação do evangelho e de administração da igreja.

O propósito deste artigo é, primeiramente, sugerir o fortalecimento de duas áreas que devem ser enriquecidas em nosso ministério, e que permitirão ao pastor o alcance de uma liderança pastoral adequada para esta época. Em segundo lugar, serão dadas sugestões sobre como conseguir-se o crescimento da igreja e do distrito.

Deveres insubstituíveis

Existem certos aspectos da experiência pessoal de um ministro, aos quais chamamos deveres diários insubstituíveis, porque possibilitam a manutenção da santidade do chamado e abrem o caminho para a ajuda divina, através da obra do Espírito Santo. São os seguintes:

1. **Devoção pessoal.** A fortaleza do pastor reside em sua comunhão pessoal, diária, com Deus (Mat. 6:33). Ellen White diz: "Consagrai-vos a Deus pela manhã; fazei disso vossa primeira tarefa. Seja vossa oração: 'toma-me, ó Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.'"¹

O ministro deve comunicar-se diariamen-

te com a divindade, por meio do estudo da Bíblia. Ele pode elaborar um plano sistemático de estudo, que lhe permita relacionar-se melhor com Deus. Por exemplo, pode escolher um livro da Bíblia e estudá-lo até o fim. Feita a escolha, ler um ou dois capítulos por dia, sublinhar um versículo especial e memorizá-lo. Esse versículo deve ser repetido mentalmente, durante todo o dia.

A comunhão diária com Deus capacita o pastor e lhe comunica poder celestial para desenvolver, com êxito, todas as suas atividades. Por meio da relação pessoal com Deus, é-lhe permitido ver suas limitações e, conseqüentemente, a necessidade da “brasa viva” que o habilitará para o ministério (Isaías 6:5-8).

2. Oração e meditação. Estabeleça um horário apropriado para orar especificamente em favor de seu ministério. Na ocasião em que fui convidado para lecionar na Faculdade de Teologia da Universidade da União Incaica, em Lima, Peru, senti a necessidade de orar a fim de que o Senhor me fortalecesse nesse novo trabalho. Tal aproximação de Deus redundou em muitos lucros e grandes alegrias espirituais, para mim e meus alunos.

Orar por um programa de trabalho, por um interessado, um enfermo, ou por uma necessidade específica, produz uma vivência especial com Deus, que nos permite manter uma relação de intimidade com Ele.

3. Busca do Espírito Santo. É imprescindível a procura diária da direção e do derramamento do Espírito Santo, para guiar-nos no cumprimento das responsabilidades cotidianas em nosso ministério. “Por que não temos fome e sede do dom do Espírito, visto como este é o meio pelo qual haveremos de receber poder? Por que não falamos sobre Ele, não

oramos por Ele e não pregamos a Seu respeito? ... Por batismo do Espírito deve todo obreiro estar pleiteando com Deus. Devem reunir-se grupos para pedir auxílio especial, sabedoria celeste, a fim de que saibam como fazer planos e executá-los, com sabedoria.”²²

Diariamente, com fervor, deveríamos orar pelo batismo do Espírito Santo. Nas cidades em que se encontram vários pastores, eles deveriam reunir-se, quem sabe, uma vez por semana, para orar em favor do derramamento do

Espírito Santo. Mesmo pastores que trabalham mais distantes, poderiam reunir-se uma vez por mês, com o mesmo objetivo. Tais encontros produzirão um reavivamento, e as igrejas serão envolvidas pela atmosfera espiritual, resultando num crescimento qualitativo e quantitativo.

Idoneidade ministerial

A idoneidade de um pastor não é obtida de uma vez por todas, no momento de seu chamado. Essa é uma experiência que será confirmada paulatinamente, através da vida cotidiana. Eis alguns dos aspectos que a configuram:

1. Vida familiar. O apóstolo Paulo enfatiza a importância da família do pastor. Diz que o ministro deve “governar bem sua própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo respeito (pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da Igreja de Deus?)” (I Tim. 3:3 e 4). Não se espera que a família do pastor seja perfeita, porém é justo esperar-se que ela viva de maneira cristã. A família do pastor converte-se no testemunho palpável de uma vida prática e no exemplo de todas as famílias da igreja.

O ministro deve reservar tempo para ficar a sós com sua família. Nenhuma atividade deve substituir essa responsabilidade. Em primeiro lugar, a esposa do pastor necessita de privacidade e atenção especial; requer ajuda na educação dos filhos, colaboração e identificação nas tarefas domésticas. A esposa é a “irmã” que necessita de mais atenção e cuidado.

Em segundo lugar, os filhos necessitam que o pastor cumpra seu papel de pai. Certa

A esposa do pastor necessita de privacidade e atenção especial.

Ela é a “irmã” que mais necessita de cuidado e atenção.

vez, um dos meus filhos, quando tinha apenas cinco anos de idade, falou para minha esposa: “Não quero ser pastor, porque papai nunca fica muito tempo conosco.” Essa con-

fissão acabou fazendo com que eu remanejasse radicalmente o tempo que dedicava à família. Notemos o conselho de Ellen White: “Coisa alguma pode desculpar o ministro de negligenciar o círculo interior, pelo mais amplo círculo externo. O bem-estar espiritual de sua família vem em primeiro

lugar. No dia do final ajuste de contas, Deus há de perguntar que fez ele para atrair para Cristo aqueles que tomou a responsabilidade de trazer ao mundo.”³

A família do pastor pode chegar a ser uma influência abarcante para o bem, ou pode contradizer a influência do pastor sobre a congregação.

2. Transparência. A vida do pastor não somente deve ser aceitável, como também deve evitar toda

aparência do mal, tratando de projetar uma conduta cristalina. O ministro deve evitar aproveitar-se de sua função para realizar empréstimos, ou adquirir vantagens econômicas dos membros, congregações ou simpatizantes. Jamais faltar com a verdade, por nenhum motivo, pois isso é abominação a Deus (Prov. 12:22). Devido à mentira, o pastor perde a credibilidade que deve gozar como servo de Deus.

O pastor deve manter-se livre de toda insinuação, intimidade ou aparência do mal, em seu relacionamento com as senhoras e senhoritas. “Não desçam os embaixadores de Cristo a frívolas conversações, a familiaridades com mulheres, sejam elas casadas ou solteiras. Mantenham-se no lugar que lhes convém, com a devida dignidade; entretanto, podem ser ao mesmo tempo sociáveis, bondosos e corteses para com todos. Devem estar acima de tudo que tenha ares de vulgaridade e familiaridade. Isso é terreno proibido, no qual não é seguro pisar.”⁴

É responsabilidade do pastor afastar-se de toda familiaridade que induza outros a colocar em dúvida sua integridade moral.

Fazendo a igreja crescer

Vamos centralizar nossa atenção em quatro áreas pastorais cujo desenvolvimento é indispensável para que o pastor veja sua igreja crescer.

1. Pregação. O ministro necessita separar tempo suficiente para a preparação de seus sermões. Deve estudar a Palavra, para extrair de suas páginas sermões profundamente bíblicos. A pregação tem progredido na oratória, porém tem diminuído substancialmente na elaboração de sermões de conteúdo bíblico. A situação se agrava, porque os irmãos

devido ao trabalho ou à distância em que moram, só ouvem uma pregação por semana. Em alguns lugares, a pregação é tão precária, que quando os membros desejam levar visitas à igreja, primeiro perguntam quem vai ser o pregador. Tudo isso deveria estimular o

pastor a preparar-se convenientemente a fim de alimentar, fortalecer e converter, com o poder do Espírito Santo, as pessoas que chegam para ouvir a Palavra de Deus.

“Ponde em vosso trabalho todo o entusiasmo que possais. ... Duas razões existem pelas quais deveis fazê-lo. Uma é que podeis conquistar a reputação de ser um pregador interessante; a outra é que podeis preservar a vossa saúde.”⁵

A pregação bíblica produz crescimento na igreja, porque os irmãos assistem regularmente às reuniões, sabendo que a pregação os fortalecerá. Outrossim trazem visitas para ouvirem o pastor, e membros de outras igrejas serão também atraídos às reuniões evangelísticas.

2. Visitação. A visitação é uma obra vital que o pastor realiza ao prestar assistência aos membros nos lugares onde eles se encontram, ou se a solicitam: lares, lugar de trabalho, hospitais, etc. Esse é um dos métodos de conservar os membros na igreja, evitando apostasia. Numa breve pesquisa, realizada em algumas igrejas, descobrimos que o pastor do qual os irmãos guardam mais grata recordação, é aquele que os visitava frequentemente. Lamentavelmente, pela diversidade de responsabilidades que o pastor tem de cumprir, a visitação tornou-se a área mais descuidada. Mas não seria desperdício tentar seguir estas sugestões:

Seja o primeiro a cumprimentar e visitar os irmãos que estão celebrando algum acontecimento especial: aniversário, festa de bodas, nascimento, formatura, ou algo relevante. Seja o primeiro a visitar e consolar aqueles que estão passando por momentos difíceis, como enfermidade, falecimento, qualquer tipo de perda ou provação. Visite e anime todos os oficiais de sua igreja.

Estabeleça um cronograma de visitas por regiões ou bairros. Dessa maneira alcançará maior número de membros. Ao despedir os irmãos, após o culto, estabeleça, conforme o

É responsabilidade do pastor afastar-se de tudo que induza outros a colocar em dúvida sua integridade pessoal.

caso, o horário mais conveniente para visitá-los em seus lares.

Além dos benefícios que a congregação receberá, o próprio pastor também lucra conhecendo a realidade espiritual e as necessidades dos irmãos. A visitação é o meio efetivo pelo qual um pastor pode chegar a seus membros, e a maneira mais direta pela qual pode estabelecer os desafios missionários.

3. Instrução. Por vários anos, acreditei erroneamente que a vida ministerial era uma vida solitária, ou que o pastor era um “trabalhador solitário”. Estas idéias equivocadas impediram uma participação ativa dos membros nos ministérios da igreja. Mas para que a igreja possa crescer, o ministro deve especializar-se na instrução. Esse trabalho pode ser executado em duas áreas:

Instrução interna. É a capacitação sobre administração e organização eclesiástica para os dirigentes locais. Esse tipo de instrução é básico e deve ser ministrado anualmente aos novos oficiais que assumem cargos diretivos. Ela permitirá ao pastor a delegação de responsabilidades que devem ser assumidas pelos dirigentes e pela irmandade, e ao mesmo tempo faz com que os membros amadureçam e se desenvolvam na liderança eclesiástica.

Uma forma efetiva de realizar esta instrução interna consiste em reunir os dirigentes de todas as igrejas e congregações do distrito, e levar a cabo jornadas de capacitação para cada departamento da igreja.

Instrução externa. Trata-se do treinamento ministrado a todos os membros da igreja, para que participem no trabalho de ganhar almas para o reino dos Céus. A instrução deve ser teórica, abordando os diferentes métodos para partilhar a mensagem de salvação. Considerando a diversidade de dons que Deus tem repartido à igreja, o pastor deveria ajudar a cada irmão a descobrir a maneira efetiva pela qual pode testemunhar.

Além da teoria, o treinamento evangelístico deve incluir também a parte prática. Em 1994, sugerimos aos alunos de Teologia que escolhessem, nas diversas igrejas onde realizam a prática pastoral, um irmão que permaneceria como seu acompanhante durante dois meses. Nesse período, o irmão seria ensinado a fazer contatos missionários e dar estudos bíblicos. Os resultados não poderiam ser melhores: em primeiro lugar, os alunos se disseram realizados ao atuarem como instrutores. Em segundo lugar, as igre-

jas cresceram porque conseguiram instrutores bíblicos permanentes.

O pastor que se considera um “trabalhador solitário”, condena-se e condena a igreja a vegetar. O pastor que é um instrutor produzirá crescimento progressivo, porque utilizará paulatinamente uma quantidade maior de auxiliares e criará a consciência de que cada discípulo é um agente ganhador de almas.

4. Formação de pequenos grupos. Forme pequenos grupos compostos por seis a dez pessoas. Ellen White afirma que “a formação de grupos pequenos como base do esforço cristão foi-me apresentada por Um que não pode errar”.⁶ Sugerimos que sejam formados ou fortalecidos, caso já existam, os seguintes grupos familiares em cada igreja e congregação de seu distrito:

Grupos de oração – Encarregados de interceder e pedir a Deus continuamente em favor de necessidades específicas da igreja, ou de algum dos seus membros.

Grupos de testemunho – Irmãos que tenham um grande desejo de compartilhar sua experiência espiritual. Esses grupos se encarregarão de buscar pessoas interessadas.

Grupos de instrutores bíblicos – Responsáveis por dar estudos bíblicos e levar os interessados à decisão pelo batismo.

Grupos de instrutores – Desempenharão a tarefa de ajudar os membros recém-convertidos a se tornarem discípulos.

Conclusão

O ministério é uma tarefa difícil, mas a capacitação e a idoneidade para cumpri-la provêm de Cristo. A Igreja necessita hoje, mais que nunca, do trabalho de homens que exerçam uma liderança pastoral que transforme, por seu exemplo, a vida dos membros que estão sob seus cuidados.

Um ministério pastoral fortalecido pela obra do Espírito Santo, conduzirá a um crescimento eclesiástico semelhante aos dias do pentecoste. Oremos, trabalhem, instruam e vivamos como obreiros que representem dignamente o Senhor da Obra.

Referências:

1. Ellen White, Caminho a Cristo, pág. 70.
2. ———, Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 212.
3. ———, Obreiros Evangélicos, pág. 204
4. Idem, idem, pág. 125.
5. Ellen White, Evangelismo, págs. 177 e 178.
6. ———, Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 84.

Vamos fazer o culto

VOLNEY KÜHL

Diretor J.A. e de Comunicação da Associação Sul-Mato-Grossense.

Qualquer pessoa que tenha experimentado um período de amnésia, conhece a sensação desconcertante de acordar repentinamente e perceber que uma parte de sua vida foi apagada da memória. Que tragédia! Contudo, uma tragédia ainda maior persegue inúmeras famílias cristãs, ainda hoje. Acreditando-se vencedoras, descobrem que estão prestes a perder a batalha pela preservação da lembrança mais preciosa do nosso legado espiritual. A amnésia espiritual apaga da nossa mente a lembrança de Deus.

O desvio da fé por parte dos filhos da Igreja não começou com o advento da televisão, da música *rock*, ou das drogas. Há muitos anos, Moisés, por inspiração divina, previu o problema e deu o seguinte aviso ao povo de Israel: "Havendo-te, pois, o Senhor teu Deus introduzido na terra que, sob juramento, prometeu a teus pais Abraão, Isaque e Jacó, te daria, grandes e boas cidades que tu não edificaste; e casas cheias de tudo o que é bom, casas que não encheste; e poços abertos, que não abriste; vinhais e olivais, que não plantaste; e quando comeres e te fartares, guarda-te, para que não esqueças o Senhor, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão." (Deut. 6:10-12).

Perigo de esquecimento

O perigo de outrora é o perigo da atualidade. As pessoas naturalmente se esquecem do Senhor. Não raro, o vírus da prosperidade e do êxito amortece os sentidos e provoca amnésia espiritual. A maior ameaça dessa enfermidade é a sutileza com que contamina.

Quem iria imaginar que os filhos e netos da comunidade que passou pelo deserto abandonariam o Senhor que os havia tirado do Egito? Que outra geração teria experimentado, de forma tão viva, a presença e o poder de Deus?

Apesar de ter presenciado muitos feitos admiráveis, o povo de Israel esqueceu-se do seu Deus no decorrer de uma geração. O capítulo dois do livro dos Juizes registra que aquela geração, testemunha de todos os feitos grandiosos de Deus em favor de Israel, serviu ao Senhor; mas "outra geração após deles se levantou, que não conhecia ao Senhor, nem tampouco as obras que fizera a Israel" (Juizes 2:10).

Será que o esquecimento surge da noite para o dia? Dificilmente. Deveríamos ficar profundamente sensibilizados e preocupados diante do fracasso de Israel. Se os filhos daqueles que viveram tantas experiências marcantes com Deus esqueceram-se dEle, como escaparão os nossos filhos? Como poderemos evitar a contaminação?

Tratamento preventivo

O tratamento preventivo contra o mesmo tipo de mal consiste em doses substanciais da Palavra de Deus, recebidas dentro do lar. O cristianismo baseado na prescrição de "uma dose ao dia", uma breve oração antes das refeições, uma rápida leitura da Bíblia, uma reunião semanal de culto, não é suficiente para deter a imensa pressão que se abate sobre nossos filhos, incitando-os a abandonarem a fé.

Diz Ellen White: "Em todo lar cristão, Deus deve ser honrado pelo sacrifício da oração e louvor de manhã e à noite. As crianças devem ser ensinadas a respeitar e reverenciar a hora da oração. Na igreja do lar devem as crianças aprender a orar e a confiar em Deus." (*Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 97).

É de suprema importância que dediquemos, todos os dias, algum tempo para nossa família, de manhã e à tarde, para o culto. Deus tem interesse especial nas famílias de Seus filhos. "Portanto, de cada família suba

ao Céu a oração, tanto pela manhã como na hora clara do pôr-do-sol, manhã e tarde o universo celeste anota toda a casa em que se ora." (*Meditações Matinais*, 1989, pág.29).

Possivelmente, muitas pessoas que hoje estão ausentes de nossas igrejas, estariam firmes na fé se houvessem cultivado diariamente o culto doméstico.

Benefícios

O culto familiar serve como plataforma para que a criança aceite a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal. Esse fato foi ilustrado na vida de Timóteo. A fé de sua avó, Lóide, foi transmitida à filha Eunice e esta, por sua vez, transmitiu-a a seu filho (II Tim. 1:15). O jovem Timóteo já estava evangelizado quando encontrou-se com o apóstolo Paulo. Semelhantemente, hoje temos o privilégio de apresentar aos nossos filhos a pessoa de Cristo e levá-los à conversão.

A sociedade atual nos impõe valores contrários à orientação da Bíblia. O lar cristão responde combatendo a filosofia secular com o ensino de princípios bíblicos. Os filhos necessitam ouvir dos pais o que a Bíblia tem a dizer sobre namoro, sexo, álcool, amizade, integridade, diligência, dinheiro, etc. Através do culto doméstico, a família pode avaliar a realidade ao seu redor e encontrar as respostas certas na Palavra de Deus.

O altar da família providencia um ponto de encontro que gera segurança e unidade familiar em meio aos embates da vida moderna.

É o culto familiar que possibilita momentos para que cada um compartilhe suas lutas, dificuldades e vitórias. É aí que os filhos abrem as janelas de suas vidas e expõem suas idéias e inquietações. Os pais podem ser transparentes com respeito às próprias faltas cometidas e pedir perdão, quando for necessário. Algo, no entanto, não deve ser esquecido: para estabelecer canais de comunicação no culto doméstico, é preciso cultivar um ambiente seguro, isento de críticas, ameaças e discursos prolongados por parte dos pais.

Realizado de maneira equilibrada, o culto no lar estimula hábitos indispensáveis para a vida cristã, tais como oração, adoração, estudo bíblico e evangelização. Não somente mostra o valor dessas práticas, mas também ensina de forma natural e espontânea como proceder. O pai atento reconhece no culto doméstico uma oportunidade para disciplinar seu filho.

Se for perguntado a um adulto que cres-

ceu num lar cristão, quando ou onde aprendeu os versículos que consegue citar de cor, provavelmente o interlocutor ouvirá: "quando criança, no culto da família." Essa prática, sem dúvida, representa um investimento em memorização de versículos, aprendizagem de cânticos e de histórias bíblicas. Aquilo que uma criança retiver bem cedo na vida, estará gravado para sempre.

A família não vive para si. Ele olha ao seu redor, e encontra pessoas espiritualmente carentes em toda a parte. O culto doméstico ajuda também no sentido de ampliar a visão para a necessidade de levar Cristo aos que não O conhecem. Começando por aquelas pessoas que moram na casa vizinha, através de projetos criativos de evangelização, ação social, correspondência, entre outros, a família desenvolve o sentido de missão.

Conclusão

Será difícil esconder os resultados de um culto doméstico criativo, consistente e bíblico. Logo os amigos irão perceber uma diferença na família e querer saber sua razão. O êxito pode gerar uma reação em cadeia, entre as famílias da igreja. Porém, o mais importante é que os filhos desenvolverão um profundo amor pela instrução bíblica no lar, e vão transmiti-lo à geração seguinte. Isto quer dizer que em sua família pode ter início um movimento espiritual que durará por gerações e gerações.

Certo pregador teve oportunidade de falar de Deus a um povo rico e sofisticado, mas sem resultados visíveis. Finalmente, clamou a Deus: "Senhor, faça alguma coisa por este povo, ou morro."

Conforme ele mesmo disse posteriormente, a resposta veio "como se Deus tivesse falado em voz alta e recomendado: 'Você está trabalhando no lugar errado; está esperando que o avivamento venha através da igreja. Tente pelo lar'". O pregador começou então a visitar os lares, ajudando as famílias a organizarem um "altar" em cada casa, até que o Espírito Santo ateou fogo naquela congregação e fez dela uma igreja forte.

Certamente andamos preocupados em nossos dias com reavivamento e reforma espiritual. Dar-se-á, porventura, o caso de estarmos esperando que a igreja faça aquilo que deve ter início em nosso lar?

Que Deus nos faça comprometidos em promover um reavivamento em nosso lar, e que tal experiência se espalhe por toda a congregação.

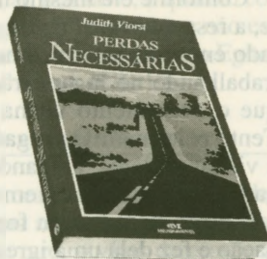
BIBLIOTECA DO PASTOR



O MUNDO DEPOIS DA QUEDA

Emir Sader (organizador), Editora Paz e Terra, São Paulo, SP; 447 páginas.

Poucos anos depois do desaparecimento da URSS e da queda do muro, como está o mundo, como se comporta o capitalismo, que inovações esses acontecimentos trouxeram para a teoria socialista, para as forças de esquerda? O que sucede àqueles regimes nos países do Leste europeu e na própria ex-pátria do socialismo? Se o fim da URSS mostrou que o socialismo não é inevitável, provou também que tampouco o capitalismo o é. Outros muros sobrevivem; mas para cada muro uma nova queda é possível.



PERDAS NECESSÁRIAS

Judith Viorst, Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, SP; 335 páginas.

Neste livro, a autora discute o processo de despojamento que é a vida. Reflete sobre nossas perdas constantes e nos ensina a alcançar a maturidade e o equilíbrio psicológico. É uma valiosa

contribuição no sentido de nos ensinar a refletir e aprender muita coisa sobre o tema da perda e de como lidar com ela no âmbito de nossa existência.



CIÊNCIA E TECNOLOGIA HOJE

Nicolas Witkowski (coordenador), Editora Ensaio, São Paulo, SP; 449 páginas.

Em 200 artigos acessíveis a um público não especializado, é apresentado um levantamento das principais descobertas científicas e das inovações técnicas dos últimos anos. Para além deste levantamento, as políticas de pesquisa são analisadas detalhadamente, assim como o impacto da ciência e da técnica sobre a vida cotidiana e o meio ambiente. Uma atenção especial é dada ao funcionamento próprio da comunidade científica, assim como aos debates éticos e filosóficos apresentados por diversos avanços e descobertas em andamento. Informações exatas, dados precisos, interpretações e reflexões científicas rigorosas, uma visão da ciência tal como ela se faz e se pensa hoje.